



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Religião e Liberdade no Pensamento de Donoso Cortés

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Filosofia**,
especialização em **Filosofia da Religião**.

Miguel Quissua Quissola

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

NOVEMBRO 2022



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Religião e Liberdade no Pensamento de Donoso Cortés

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Filosofia**,
especialização em **Filosofia da Religião**.

Miguel Quissua Quissola

Sob a Orientação do Prof. Doutor **José Carlos de
Miranda**

«O Senhor Deus, na sua infinita generosidade, criou um ser livre, capaz de escolher, de forma consciente, os seus próprios caminhos. O homem pode optar entre o bem, que é uma emanção de Deus, ou o mal, que é a ausência do bem».¹

José Eduardo Agualusa

In: A Rainha Ginga

«Os seres inteligentes e livres nasceram unidos a Deus pelo efeito da sua graça: pelo pecado afastaram-se realmente de Deus porque romperam o vínculo da graça, real e verdadeiramente, com o qual deram testemunho de si na qualidade de criaturas inteligentes e livres».²

Donoso Cortés

In: Ensayo Sobre El Catolicismo, El Liberalismo Y El Socialismo

¹ José Eduardo Agualusa, *A Rainha Ginga e de como os Africanos inventaram o mundo*. (Lisboa: Quetzal Editores, 2014), 3.

² Juan Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*. (Granada: Editorial Comares, 2006), 123.

AGRADECIMENTOS

Aprendi dos meus pais, no seio familiar e, posteriormente, na catequese, o sentido da gratidão. A gratidão é a capacidade de saber reconhecer o bem realizado por alguém em nosso favor. Sendo Deus a fonte de todo o bem, quero começar por dar-Lhe graças por todos os benefícios espirituais e temporais que me foi concedendo ao longo de toda a minha vida. À minha mãe e ao meu pai, à minha avó Eva, aos meus irmãos, ao Pe. Nicolau Kwebo, aos Monfortinos, à Alexandra Cristina Moreira Teixeira, à Filipa Kuzolo e a todos aqueles que de alguma forma me apoiaram durante esta etapa. Não por último, mas por ser verdadeiramente o mais importante para a minha dissertação, quero agradecer ao Professor Doutor José Miranda pela incansável ajuda na redação e desenvolvimento de tudo quanto escrevi ao longo destas páginas. Como dizemos nós os kimbundos: Nga Sakidila (Muito obrigado).

RESUMO

Toda a investigação tende a alcançar um objetivo concreto, através de um método bem elaborado e estruturado. A nossa investigação propõe-se analisar e aprofundar um tema bastante pertinente ao longo da história da humanidade: religião e liberdade. A partir da visão de Donoso Cortés, um filósofo e diplomata espanhol que viveu no século XIX, um católico convertido e um filantrópico, teremos a audácia de mergulhar neste mar profundo que é o tema da religião e liberdade.

Habituaamo-nos a compreender no contexto atual a existência de uma contraposição entre religião e liberdade, ou seja, parecem duas realidades antagónicas. A leitura atenta dos escritos de Donoso Cortés levou-nos a uma nova compreensão desta relação indissolúvel. Esta relação entre religião e liberdade pretende ser ao mesmo tempo a possibilidade de estabelecer uma relação entre filosofia política e teologia. Em suma, como ele mesmo afirma, é admirável perceber de que maneira em todas as nossas questões políticas tropeçamos sempre com a teologia. Neste sentido, é perceptível que seja fundamental compreender essa relação para iluminar a reflexão e o debate dentro da filosofia política.

Segundo Donoso Cortés, a religião é o fundamento indestrutível das sociedades humanas e nenhuma sociedade foi alguma vez constituída sem a existência de uma religião, por isso, a religião é uma realidade imprescindível para o homem. A liberdade, por sua vez, consiste na realização da vontade de Deus. A interação entre ambos os conceitos dentro do pensamento do autor levar-nos-á a iluminar este tema e o debate dentro da filosofia política.

Palavras-chave: religião, liberdade, filosofia política, catolicismo, teologia, verdade, erro, Donoso Cortés.

ABSTRACT

All research tends to achieve a concrete objective, through a well-designed and structured method. Therefore, our investigation proposes to analyze and deepen a very relevant theme throughout the history of humanity: religion and freedom. From the vision of Donoso Cortés, a Spanish philosopher and diplomat who lived in the 19th century, a converted Catholic and a philanthropist, we will have the audacity to dive into this deep sea that is the theme of religion and freedom.

We are used to understanding in the current context the existence of a contrast between religion and freedom, that is, they seem to be two antagonistic realities. A careful reading of the writings of Donoso Cortés led us to a new understanding of this indissoluble relationship. This relationship between religion and freedom intends to be at the same time the possibility of establishing a relationship between political philosophy and theology. In short, as he himself says, it is admirable to see how in all our political questions we always stumble with theology. In this sense, it is noticeable that it is essential to understand this relationship to illuminate reflection and debate within political philosophy.

According to Donoso Cortés, religion is the indestructible foundation of human societies and no society was ever constituted without the existence of a religion, so religion is an essential reality for man. Freedom, in turn, consists in carrying out the will of God. The interaction between both concepts within the author's thought will lead us to illuminate this theme and the debate within political philosophy.

Keywords: religion, freedom, political philosophy, Catholicism, theology, truth, error, Donoso Cortés.

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice	iv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - DONOSO CORTÉS E A SUA ÉPOCA	5
1.1 Contextualização Histórica.....	5
1.2 A vida de Donoso Cortés (1809-1853)	15
1.3 Diferentes fases do seu pensamento	32
CAPÍTULO 2: A OBRA DE DONOSO CORTÉS	36
2.1 Obra de Donoso Cortés	36
2.2 Ensaio sobre o catolicismo, o liberalismo e o socialismo.....	41
2.3 Discursos (sobre a ditadura, sobre a Europa, sobre Espanha).....	46
CAPÍTULO 3 RELIGIÃO E LIBERDADE NA SUA FILOSOFIA POLÍTICA.....	52
3.1 Conceito de Religião.....	52
3.2 Conceito de Liberdade	54
3.3 Interação entre Religião e Liberdade em Donoso Cortés	56
CONCLUSÃO	70
BIBLIOGRAFIA.....	74

INTRODUÇÃO

«Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará».

Sendo Juan Donoso Cortés um homem profundamente marcado pela experiência de encontro com Jesus e tendo o mesmo interpretado a mensagem de Jesus Cristo a partir do seu processo de conversão, como princípio libertador, queremos com esta frase marcar todo o desenvolvimento daquilo que será a nossa investigação sobre o seu pensamento.

Não é nosso objetivo fazer nesta sede uma apologia do pensamento cristão em detrimento de qualquer religião ou experiência metafísica, mas tão só, através do pensamento de Juan Donoso Cortés, mostrar ao longo de todo o trabalho como é possível falar do ponto de vista racional, isto é, da filosofia da religião, sobre a religião e liberdade partindo da convicção do autor.

Conhecereis a Verdade. Nos termos de Jorge Coutinho, o fenómeno do conhecimento humano pode ser abordado sob diversos ângulos, a diversos níveis e, correspondentemente, através de diferentes métodos³. Aqui falaremos do conhecimento do ponto de vista da tradição bíblica e metafísica⁴. Segundo a tradição cristã medieval, existe o conhecimento natural, finito e humano, e o conhecimento onisciente, transcendente, de Deus, ordenados uma ao outro segundo a dialética do conhecimento e do Amor, da razão e da fé, ordem que fica consignada na fórmula *Fides quaerens intellectum*⁵. Nesta perspetiva, podemos afirmar que conhecer a Verdade é conhecer Jesus Cristo, que significa encontrar uma Pessoa viva e não um conjunto de normas e regras a serem obedecidas, o que nos levará a dar o passo para a liberdade.

A Verdade vos libertará⁶. Jesus Cristo identifica-se com a Verdade e sendo Deus, segundo a perspetiva cristã, não pode existir em Si mesmo qualquer contradição. Por isso, quem O aceita liberta-se de qualquer condição que possa vir a escravizar o homem. Por outras palavras, Jesus Cristo mostra o caminho capaz de despojar o homem de todos os fardos e condicionalismos que o colocam numa situação de precariedade.

Falar de religião e liberdade é, na nossa perspetiva, tocar em dois temas que despertam no coração e no pensamento do homem de todas as culturas e períodos da história um interesse

³ Jorge Coutinho, *Filosofia do Conhecimento* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003).

⁴ Coutinho, *Filosofia do Conhecimento*, 188. Aceitar uma via científica da metafísica significaria admitir que podemos aceder à área metafísica da realidade com o rigor próprio do conhecimento em modo científico.

⁵ Battista Mondin, *Curso de Filosofia* (Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2002).

⁶ No evangelho segundo São João a liberdade é consequência da presença de Jesus Cristo no coração e na vida do ser humano, deste modo, a ausência Dele será sempre motivo para um estado de escravidão e perdição eterna.

significativo do ponto de vista filosófico e teológico, bem como do ponto de vista sociológico e antropológico. A situação da religião hoje e o debate à volta do tema da liberdade despertam sobremaneira o nosso interesse; por isso mesmo, a presente investigação pretende desenvolver essa temática a partir do pensamento de Juan Donoso Cortés, um filósofo, parlamentar, político e diplomático espanhol, funcionário da monarquia espanhola sob o regime liberal.

A religião e a liberdade são duas realidades onnipresentes na vida e no pensamento do homem. De modo que podemos dizer, analisando a realidade, que a religião, contrariamente ao que foi pregado por alguns filósofos como Nietzsche, Feuerbach⁷, mestres da suspeita⁸, continua a ter um papel preponderante na vida do homem contemporâneo, dentro da realidade pluralista em que vivemos e da globalização, que toca todas as áreas e dimensões da vida humana. Também entre os estudiosos e filósofos portugueses como Amorim Viana, Sampaio Bruno e José Marinho, o problema de Deus ocupa um lugar central.

Quanto à liberdade⁹, bem sabemos, que nunca é um dado adquirido, ou seja, é preciso um exercício constante de conquista da mesma (liberdade religiosa, liberdade de expressão, liberdade do indivíduo e emancipação dos povos, etc.). Assim sendo, percebemos a pertinência da atualidade deste tema. Por outras palavras, usando uma metáfora, podemos dizer que o tema “religião e liberdade” é uma árvore que floresce nas quatro estações do ano dando sempre frutos, embora cada fruto seja adequado à sua própria época e às circunstâncias que o envolvem. Sabemos que o tema da liberdade levanta outras questões inerentes, como por exemplo, discriminação racial, xenofobia, tribalismo, regionalismo, preconceito social e etário, etc., mas devido à delimitação da nossa investigação não tocaremos nestes temas.

O problema da religião e da liberdade, presente ao longo de toda história da humanidade, não apenas como reflexão, mas como dado existencial, torna-se mais polémico, seja como reflexão seja como dado existencial, a partir da modernidade e na época contemporânea. É este contexto de transição da modernidade para a época contemporânea, de revoluções e contrarrevoluções de grande alcance histórico, que nos ajuda na compreensão desta dialética (religião - liberdade). Juan Donoso Cortés, filósofo católico, desperta-nos

⁷ Friedrich Nietzsche, *O Anticristo*, trad. Tavares Fernandes (Mem-Martins: Publicações Europa-América, 2003).

⁸ Vale a pena sublinhar que a expressão supracitada foi usada pela primeira vez por Paul Ricoeur quando diz que a partir de Nietzsche, Marx e Freud a consciência perde a sua autonomia, isto é, a consciência não é assim tão poderosa como pensou René Descartes com o seu “Cogito ergo sum”; a consciência está sujeita ao engano, por outras palavras surge a dúvida sobre a capacidade da consciência de apreender o sentido do mundo e de si mesmo de uma forma evidente, clara e distinta.

⁹ Santo Agostinho, *Confissões* (Braga: Apostolado de Oração, 1999) Livro VII.

particular interesse pelo modo como procurou colocar em diálogo a religião e a liberdade a partir da sua experiência de fé.

Tudo quanto foi dito até aqui serve, naturalmente, como ponto de partida para o aprofundamento daquilo que será a nossa investigação no que diz respeito à obra de Juan Donoso Cortés, ao conceito de religião, ao conceito de liberdade e ao diálogo que o autor procurou estabelecer entre ambos os conceitos, ou seja, a ponte dialética construída pelo autor.

A nossa investigação está dividida em três capítulos e cada capítulo tem três pontos; procuramos uma uniformidade entre os capítulos e, de certa maneira, também entre o número de páginas. No primeiro capítulo foi nossa intenção contextualizar a realidade histórica de Espanha e da Europa em que viveu Juan Donoso Cortés. A Europa dava os primeiros passos da industrialização. Este passo iria transformar para sempre a vida e a dinâmica de toda a sociedade europeia e posteriormente também o mundo inteiro. Os pioneiros desta grande revolução não tinham sequer consciência da dimensão que mais tarde viria a alcançar o que eles muito subrepticamente começaram. Naturalmente a revolução trouxe consigo muitas mudanças profundas no estilo de vida das sociedades europeias, isto é, muitas vantagens, mas também desvantagens. A revolução encurtou o tempo e o espaço e isso sentiu-se, por exemplo, na divulgação das ideias políticas que circulavam em toda a Europa, vindas de diferentes pontos. Assim as ideias dos liberais, marxistas e socialistas chegavam facilmente a Espanha e vice-versa. No segundo ponto, intitulado “A vida de Donoso Cortés”, procuramos traçar uma biografia do autor percorrendo os diversos acontecimentos históricos da sua época. Podemos dizer que o autor ao longo de toda a sua vida esteve sempre preocupado com as grandes causas espanholas e europeias. No último ponto do primeiro capítulo procuramos ver o desenvolvimento de todo o pensamento de Juan Donoso Cortés. Sabemos que todo pensamento passa sempre por um processo de crescimento ou maturidade. Assim sendo, vemos que da juventude até à idade adulta, o autor passa por essa maturidade intelectual fruto de várias circunstâncias, como a sua formação filosófica, e do convívio com alguns mestres do seu tempo.

No segundo capítulo analisamos a obra de Juan Donoso Cortés. Procuramos situar a sua obra como lugar da exposição do seu pensamento filosófico. Para isso tivemos de recorrer ao conjunto dos seus escritos que são sobretudo correspondências, discursos, prosa e poesia. Quisemos dividir a sua obra em duas partes, isto é, a primeira parte da obra, que corresponde à primeira fase da sua vida, e a segunda parte da obra, correspondente à segunda fase da sua vida, isto é, à sua maturidade espiritual e também ao ponto da mudança no que concerne ao pensamento político. Tendo em conta a delimitação da investigação, fizemos uma seleção e decidimos analisar na primeira fase da sua vida algumas obras como a “Carta ao seu pai”, o

“Discurso de abertura no Colégio de Cáceres” e, por último, “A religião, a liberdade, a inteligência”. Quanto à segunda fase da sua vida, escolhemos para o nosso estudo “O discurso sobre a dotação do culto e do clero”, “Discurso sobre a restituição dos bens da Igreja” e a “Carta ao cardeal Fornari”.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Religião e liberdade na sua filosofia política”, procuramos estabelecer a ponte entre os conceitos de religião e liberdade dentro da filosofia política de Juan Donoso Cortés. Partimos, inicialmente, com a definição dos dois conceitos basilares desta investigação, isto é, o conceito de religião e o conceito de liberdade. Como veremos ao longo da investigação, no primeiro ponto deste capítulo, na perspectiva do nosso autor, falar de religião não significa falar de toda e qualquer experiência capaz de estabelecer a ligação com o transcendente, mas circunscreve-se apenas à experiência oferecida pelo catolicismo, sendo esta “a Religião” por antonomásia. Por outro lado, com o conceito de liberdade, podemos compreender de maneira exaustiva o contributo dado pelo autor na evolução deste conceito. Para o autor a liberdade não consiste na possibilidade de escolher entre o bem e o mal, mas sim na escolha pelo bem. Portanto, ir contra o princípio estabelecido por Deus é, sem dúvida, como veremos, não ser livre.

Após a definição e exposição dos conceitos de religião e de liberdade, procuramos estabelecer uma interação entre ambos os conceitos. Essa interação, segundo a nossa opinião, é possível, pelo facto, de encontrarmos, ainda que de maneira implícita, nos seus escritos essa relação dialógica entre religião e liberdade. Assim sendo, o que procurámos fazer foi apenas colocar em evidência uma realidade presente no pensamento do autor e, deste modo, repropor o seu contributo ao atual contexto da filosofia da religião.

CAPÍTULO 1 - DONOSO CORTÉS E A SUA ÉPOCA

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Cada ser humano será sempre o resultado da sua experiência pessoal, do seu contexto sociocultural e religioso. Por isso, é impossível compreendermos a pessoa de Donoso Cortés sem antes analisarmos o contexto em que viveu e desenvolveu a sua atividade. Por outras palavras, é importante o “*Sitz im Leben*”¹⁰, ou seja, o ambiente vital, para chegarmos à compreensão do homem filósofo, político e religioso que foi Donoso Cortés.

Parafraseando Carlos Valverde¹¹, Donoso Cortés teve sempre uma grande e profunda ligação com a Europa, aliás, do seu tempo, foi classificado como o mais europeu de todos os espanhóis. Contudo, para melhor compreendermos o nosso autor, será necessário olhar para a Europa no seu todo e nos acontecimentos que marcaram a primeira metade do século XIX.

A Europa do século XIX, usando uma metáfora, era um autêntico barril de pólvora que, com um fósforo, era capaz de incendiar tudo numa sociedade em transformação, na sua estrutura e na sua conceção. Nesta lógica, realçamos que a mais profunda de todas as transformações foi, sem dúvida, a económica, que alterou profundamente a sociedade. De facto, a sociedade europeia do século XIX deixa de ser maioritariamente agrícola e passa a ser industrial. Isto foi possível graças à invenção da máquina a vapor, do inglês James Watt. Esta foi sendo introduzida em todos os trabalhos de modo que, naqueles em que antes foram necessárias centenas de homens, agora bastava uma máquina. Assim sendo, podemos dizer que a transformação económica é fruto da Revolução Industrial surgida na segunda metade do século XVIII com a invenção da máquina a vapor. A Revolução Industrial e económica trouxe consigo tantos benefícios à sociedade como a invenção da locomotiva, a vaporização das máquinas têxteis, as embarcações transatlânticas, a imprensa com máquinas a vapor, etc. Por conseguinte, todas estas transformações e inovações na indústria fizeram aumentar a produção, e é aqui

¹⁰ A expressão *Sitz im leben* nasce no âmbito teológico e significa literalmente situação vital ou ambiente vital. Em âmbito hermenêutico, o ideal de *Sitz im Leben* consiste na reconstrução de um texto segundo o seu contexto. Podemos dizer que quando lemos um texto, estamos diante de uma língua, uma cultura e um contexto. A expressão é usada aqui apenas por analogia, isto é, não para o texto de Donoso Cortés, mas para a sua vida.

¹¹ Juan Donoso Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Editado por Carlos Valverde, Vol. I (Madrid: La Editorial Católica S. A. 1957), 3.

que a sociedade do consumo tem o seu embrião. Mas, ao mesmo tempo, levaram a uma mercantilização do trabalho sem precedentes e, na pura lei da oferta e de procura, à sua desvalorização. De facto, o ideal da liberdade individual abriu caminho ao império cego dessa lei, pela abolição das normais instâncias reguladoras do mercado, que eram as corporações do Antigo Regime, gerando uma pobreza de massas sem precedentes. Para muitos historiadores, a década de 1760 é vista como o ponto de partida de toda a Revolução Industrial, embora nem todos concordem com esta datação histórica. Em todo o caso, deixando de lado todo o debate entre os historiadores, vale a pena realçar que ela ficou marcada pelo desenvolvimento tecnológico que transformou radicalmente a vida no ocidente e, posteriormente, no mundo inteiro.

É também importante realçar que, juntamente com todo desenvolvimento tecnológico, a sociedade industrial foi responsável pelo crescimento demográfico na Europa do século XIX. A título de exemplo, podemos ver como a Inglaterra, a Rússia e Prússia duplicaram a sua população, enquanto outros países como a Dinamarca, Holanda e parte de Itália crescem até 50% em população. Este crescimento demográfico fez com que a população camponesa abandonasse os campos e procurasse trabalho nas cidades industriais. Deste modo, nascem as grandes cidades modernas e consequentemente os problemas sociais de pobreza extrema, alcoolismo, roubo, prostituição, criminalidade e suicídio; e problemas de saúde tais como a cólera, o tifo, o paludismo, que periodicamente dizimavam os habitantes de cidades e aldeias.

O marxismo encontrou um terreno fértil no contexto da Revolução Industrial, visto que via na estrutura social uma luta de classes, isto é, a luta entre a burguesia e o proletariado; por outras palavras, entre os pobres, mão de obra barata para a indústria, e os ricos burgueses detentores do capital. A burguesia enriquecia-se, porém, não estava minimamente preocupada com a miséria e degradação do proletariado.¹² Vê-se uma burguesia que não respeitava os direitos da classe operária, fundamental para o desenvolvimento da indústria. Por exemplo, as jornadas laborais eram indeterminadas,

¹² Os historiadores afirmam que durante este período, os burgueses, seguindo a visão capitalista, tudo faziam para enriquecer cada vez mais, enquanto a classe operária estava cada vez mais pobre. A ganância era tanta que os operários, sem horários de trabalho, acabavam por ser remunerados abaixo do custo de vida familiar, passando a depender a sua sobrevivência do trabalho das mães, primeiro, e, pela consequente desvalorização do trabalho por esse súbito aumento de oferta, dos filhos que, em número crescente, colocavam na fábrica (do número de filhos, em latim, proles, se cunhou precisamente o neologismo “proletários” para os designar).

isto é, os operários trabalhavam sem um limite de horas, sabiam quando começava o trabalho, mas não quando terminava.

Deixando de lado certas questões relacionadas com o marxismo, podemos analisar como se caracterizava a sociedade do século XIX nos diversos âmbitos da sua estrutura. Por exemplo, no económico, a sociedade caracterizava-se pelo maquinismo, isto é, uma sociedade transformada pela indústria mecânica; no âmbito social, pelo nascimento do proletariado como nova força em oposição à burguesia; no plano político, pelo liberalismo; no plano religioso, a sociedade por um certo deísmo e, no plano literário, pelo romantismo.

Como dissemos acima, o liberalismo¹³ caracterizava o plano político deste período. O liberalismo proclamava o triunfo da razão, isto é, segundo esta corrente de pensamento, a razão vem libertar o homem da sociedade artificial em que vivia e criava uma sociedade natural aceite por todos mediante um contrato livre. Na perspectiva de Helena Rosenblatt, na sua obra *“A história esquecida do liberalismo”*¹⁴, o liberalismo defendia três princípios basilares: liberdade, igualdade e fraternidade. Para o liberalismo, o primeiro princípio, a liberdade, consiste na liberdade de pensamento, de imprensa e de expressão, etc. O segundo princípio, a igualdade¹⁵, defende a ideia de que todos os homens são iguais perante a lei, pois todas as prerrogativas são fictícias. O terceiro princípio, a fraternidade universal, defende que todos os homens são filhos da mesma fecunda mãe, a natureza, que nos criou livres. É importante sublinhar que todas estas ideias desenvolvidas por pensadores como Locke, Montesquieu, os enciclopedistas em geral e, sobretudo, Rousseau, formavam essa doutrina filosófico-social-política a que chamamos liberalismo. Por isso, veremos mais adiante, quando abordarmos a questão do liberalismo no seu Ensaio, bem como o desenvolvimento do seu pensamento, que Donoso Cortés não pode ser compreendido sem o liberalismo e a sua carta magna dos direitos “do

¹³ O Liberalismo é uma doutrina baseada na defesa da liberdade individual, nos campos económico, político, religioso e intelectual, contra as ingerências e atitudes coercitivas da sociedade, sobretudo das sociedades mais próximas do indivíduo ou “intermédias”. O Liberalismo é muito sensível por isso aos direitos civis e às liberdades individuais.

¹⁴ Helena Rosenblatt, *A história esquecida do liberalismo - Da Roma Antiga ao século XXI*, Trad. Judite Jóia (Lisboa: Edições 70, 2021).

¹⁵ É importante sublinhar que, esquecida a unidade do género humano garantida pela comum descendência de Adão segundo a visão bíblica, o conceito de que todos os homens são iguais perante a lei tende nesta época a restringir-se apenas ao homem ocidental, isto é, ao homem “branco”. Portanto, na mente de muitos iluministas e liberais como Jean-Jacques Rousseau, Montesquieu e Voltaire, os negros e os índios, por exemplo, não fariam parte deste conceito de igualdade entre os homens.

Homem e do Cidadão”, que precede a Constituição francesa de 1791. Desde o berço até à sua formação foi sempre um liberal, ou seja, foi educado na escola liberal embora, posteriormente, tenha lutado contra o liberalismo. Em todo o caso, o liberalismo esteve sempre presente no pensamento de Donoso Cortés, seja como apoiante ou depois como opositor do mesmo sistema liberal.

O deísmo¹⁶ é uma corrente de pensamento que reconhece a existência de Deus como causa primeira, criador e ordenador do mundo. A perspetiva do deísmo constitui, juntamente com a teoria da imortalidade da alma, o núcleo da religião natural. O deísmo, seguindo a lógica do mecanicismo, sustentava a ideia de que o mundo é uma máquina e tem um criador. Mas refuta a ideia de que tal criador possa estar em relação com a criação. Deste modo, o cristianismo e a suas igrejas são dispensáveis e, claramente, nocivas para o homem, na medida em que escravizam o homem. Por outras palavras, o deísmo despertou na população um sentimento de rancor e ódio em relação ao cristianismo. Portanto, pode-se afirmar que no deísmo encontramos as origens do sentimento antirreligioso da Revolução Francesa, das revoluções espanholas de 1848 e de todo o século XIX, e também da Revolução Espanhola de 1936. Sobre o deísmo, resta dizer, Donoso Cortés teve oportunidade de estudar autores como De Bonalde, John Told, entre outros e, com isso, aprofundou os seus estudos sobre as revoluções na Europa. Como acontece muitas vezes, as palavras podem ou não sofrer uma evolução semântica. Sabemos que o termo *deísmo*, tem a sua origem na língua francesa e, podemos dizer, está em oposição ao ateísmo. No final do século XVIII, o termo deísmo, passou a significar a crença num Deus ausente, isto é, que criou o mundo e estabeleceu as leis que governam o mundo¹⁷, ou seja, é uma doutrina que tem a razão como base para garantir a existência de Deus, negando a influência da religião ou da Revelação e da Fé, em suma, da Igreja. Ora, é fácil prever que Donoso Cortés não aceitará de bom grado uma doutrina que tenha como princípio basilar uma visão negativa em relação à Igreja e ao seu papel no mundo.

Não menos importante de tudo quanto foi dito até agora sobre o contexto histórico europeu, é importante sublinhar o quadro ideológico daquele período para

¹⁶ Podemos dizer que foi no século XVII que um grupo de pensadores ingleses começou um debate cerrado sobre o deísmo. Esses pensadores ficaram conhecidos como os “platónicos de Cambridge”. O maior expoente do deísmo inglês é, sem dúvida, com a obra “*O Cristianismo sem mistérios*”, John Toland (1670-1722).

¹⁷ Surgiu neste período da história uma ideia capaz de explicar a ausência de Deus no mundo humano, isto é, Deus seria um relojoeiro que tendo terminado a sua obra não mais interfere nela.

melhor compreendermos os traços de cada uma das correntes que marcaram a vida e obra de Donoso Cortés. Sem dúvida, podemos afirmar que os princípios filosóficos do liberalismo e do deísmo eram, naquela altura, os que mais circulavam pelas universidades e entre os livres pensadores europeus. Dentro deste quadro, não podemos menosprezar o papel de Marx, Fichte, Hegel, Schelling, Proudhon e tantos outros.

Na perspetiva de Nicola Abbagnano¹⁸, na sua obra *“História da Filosofia”*, os três idealistas alemães coincidem nas suas considerações da realidade como uma ideia, na sua interpretação do mundo exterior como resultado do desenvolvimento dos seres pensantes, seja de uma razão consciente universal ou de um sistema de ideias independentes das consciências, inconsciente pelo menos para as consciências humanas, e que se coloca como um objeto com relação a elas. Em síntese, dando apenas uma breve e concisa explanação, podemos dizer algo dos três idealistas alemães no que concerne o idealismo. O idealismo de Fichte ficou conhecido como idealismo subjetivo ou ético. Ao passo que o idealismo de Schelling é considerado o idealismo objetivo ou estético, ou seja, pelo facto de fazer da natureza e do espírito duas manifestações de um ser originário, superior ao objeto e ao sujeito, bem como a todos os contrários que coincidem com ele. Por fim, o idealismo de Hegel¹⁹ foi considerado como idealismo absoluto e lógico, isto é, mediante a tese da convertibilidade do real e do racional, representa a última e completa formulação do idealismo metafísico. A partir de Hegel, começa a definir-se o homem carregado de história e, ao mesmo tempo, a procurar-se a sua compreensão nela e através dela. Diferentemente do que defendiam Rousseau, os enciclopedistas e os materialistas do século XVIII, o homem não é apenas um ser natural, mas é sobretudo um produto da história.

Segundo Rino Cammilleri, Karl Marx, entre os discípulos de Hegel, foi o que mais graves consequências retirou do método dialético de Hegel. Marx separou o método dialético do idealismo e colocou a matéria no seu lugar. E, nesta simbiose, encontrou a verdadeira superação de todas as filosofias. Por outras palavras, segundo Marx, o

¹⁸ Nicola Abbagnano, *História da Filosofia* (Lisboa: Editorial Presença, 2000).

¹⁹ George Hegel, *Fenomenologia do Espírito*. Trad. José Barata-Moura (Lisboa: Página a Página, 2021). A principal obra de Georg Wilhelm Hegel, *A Fenomenologia do espírito* (1807), expõe a sua perspetiva epistemológica. Nesta obra, objetiva superar dialeticamente a dicotomia existente entre o sujeito e o objeto, resolvendo aparentes contradições desse conceito.

materialismo dialético devia ir mais além de todas as doutrinas que se preocupavam em interpretar o mundo; devia realizar a transformação do mundo.²⁰

Dentro deste quadro ideológico com os seus sistemas de pensamento, queremos dar uma breve pincelada sobre o socialismo. O socialismo era, nesta altura, um conjunto de ideias, sobretudo económicas e políticas, baseadas no conceito de socialização dos fatores da produção e sobre o controlo estatal da atividade económica. Quanto ao começo, isto é, do socialismo moderno é difícil estipular uma data, visto que não há um consenso entre os vários autores. Por conseguinte, vale a pena realçar que nos primeiros cinquenta anos entre 1789 e 1840, o socialismo é principalmente um movimento sentimental e utópico. Convém sublinhar que dos socialistas, Proudhon é aquele que desperta um grande interesse em Donoso Cortés, isto é, o seu socialismo representa o protótipo do socialismo, segundo o nosso autor. Porém, após a sua conversão, Donoso Cortés terá de enfrentar duramente o socialismo como adversário.

Finalmente, em jeito de conclusão sobre este quadro ideológico, convém dizer que o século XVIII, com todas as suas ideologias, e a Revolução Francesa, não foram suficientemente capazes de eliminar a corrente dos conservadores que continuavam a ver no “ordo christianus” a única estrutura sólida e imutável da sociedade. Segundo estes pensadores, quase todos tradicionalistas pelas suas teorias gnosiológicas, a revolução tinha um carácter negativo, ou seja, destruiu a ordem religiosa, a ordem social e política, sem encontrar uma solução de substituição capaz. Os tradicionalistas tiveram um papel preponderante na vida e obra de Donoso Cortés; basta pensar em autores como De Maistre, Lamennais e Bonald.

Até aqui procurámos contextualizar o nosso autor dentro do quadro ideológico europeu, mas vamos agora dar um salto ao contexto espanhol da época para melhor compreendermos a pessoa de Donoso Cortés. Tomando a frase de Ortega y Gasset²¹, “eu sou eu e a minha circunstância”, entendemos que ninguém pode ser compreendido fora do seu contexto ou ambiente vital (*Sitz im Leben*), como acima se disse.

²⁰ Para Karl Marx a transformação, sobretudo, da vida humana, da sua organização económica, religiosa, social e política. Contudo, Marx, segundo consta, tornou-se “marxista” durante a sua estadia em Paris de 1843 até 1845.

²¹ Na conceção de Ortega y Gasset o “Eu sou eu e a minha circunstância”, encerra uma ideia do homem como um “eu-circunstância”, indissociável do seu meio. Dito de outro modo, o “eu” é distinto da realidade à sua volta, mas inseparável desta. Por isso, pode-se dizer que existe uma relação indissociável entre o eu e a circunstância.

Segundo Federico Suárez²², a Espanha de Donoso Cortés encontrava-se extremamente dividida em si mesma, nos seus ideais e na sua estrutura. Essa divisão é fruto de duas maneiras de conceber a realidade estrutural do país. Podemos dizer que por um lado estavam os liberais, influenciados pelos ideais da Revolução Francesa, e por outro estavam os “absolutistas”²³, inspirados na tradição espanhola e na igreja católica. Uns e outros procuraram afirmar e defender os seus ideais como norma de governação, alegando os valores implícitos nos princípios que ambos defendiam. Por isso, Menéndez Pelayo afirma que a propaganda antifrancesa aumentou quando em 1789 se instalou a revolução e se tornaram conhecidos os crimes contra a monarquia, contra o rei Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, que foram mortos na guilhotina. Assim sendo, durante todo o século XIX assistimos, por um lado, aos tradicionalistas, que viam a causa de todos os males de Espanha na interrupção que fizeram da sua história no final do século XVIII, isto é, aceitando a ideologia anticristã vinda de França, fazendo de Espanha o que ela não era verdadeiramente; e, por outro lado, aos liberais, que defendiam a abertura de Espanha à Europa além Pirenéus, bem como aos princípios ideológicos nela dominantes.

Segundo as palavras de Federico Suárez, os seus problemas são os mesmos, de modo geral, dos outros países europeus, embora cada um tenha a sua particularidade. Neste período, a Espanha atravessa uma grande crise política com a fuga do rei Fernando VII juntamente com a sua família para França. Em 1810, reunidas as Cortes com a finalidade de elaborar uma nova Constituição política da Monarquia, o Antigo Regime colapsou. Os espanhóis saíram vitoriosos da guerra contra o exército de Napoleão, mas no desenlace da vitória esteve a promulgação, em 1812, da Constituição de Cádiz²⁴. Entre as medidas emblemáticas da referida Constituição, destacam-se a liberdade de imprensa

²² Federico Suárez, *Introducción a Donoso Cortés* (Madrid: Rialp, S. A., 1964).

²³ Esta designação releva, porém, mais da visão liberal adversária do que da auto-compreensão da generalidade dos antirrevolucionários. Estes identificavam-se não tanto com o despotismo iluminado de setecentos (absolutistas) quanto com a legitimidade dinástica consuetudinária de Don Carlos (legitimistas, carlistas,) ou, simplesmente, com a realeza tradicional do Antigo Regime (realistas, tradicionalistas), de poder político limitado e pelas prerrogativas das então poderosas sociedades intermédias (a aristocracia, a Igreja e os *fueros* das autonomias locais).

²⁴ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*. Segundo Federico Suárez, em Cádiz, existiam duas tendências que concorriam constantemente uma contra a outra para conformar a estrutura política de Espanha. Por um lado, estavam os liberais que defendiam uma rotura total com o sistema vigente e não uma simples reforma. Por outro lado, estavam os realistas que defendiam a soberania como um atributo partilhado entre o Rei e a nação. Contudo, as duas tendências tinham a mesma base, ou seja, ambas recusavam a existência do Antigo regime derrubado em 1808; pediam uma maior participação do povo no governo do país. Podemos dizer que existia um ponto de convergência e outro de divergência, que consistia na orientação e na constituição que se devia dar à Monarquia.

e a supressão da Inquisição. Na Constituição de Cádiz estava a perspectiva do partido liberal, explicitamente inspirado na Constituição francesa de 1791. Enquanto isso, os absolutistas ou realistas apresentaram as suas ideias no Manifesto de 1814.

Quando em 1814 o rei Fernando VII regressou de França, onde esteve exilado, os liberais perderam a posição que ocupavam, isto é, o rei condenou-os e reintegrou os realistas. Por outras palavras, podemos dizer que o rei aceitou a solução apresentada pelos realistas no que concerne à Constituição. Assim sendo, Fernando VII procurou manter o Antigo Regime nas duas etapas de 1814-1820 e 1823-1833 do seu governo pessoal, pelo que liberais e realistas acabaram em oposição ao rei por defender um sistema ultrapassado. No fundo o rei Fernando VII aboliu a Constituição de Cádiz e pretendeu restaurar Antigo Regime. Por conseguinte, houve uma grande insatisfação por parte de todos os sectores e quando em 1820, em Cabezas de San Juan, apoiado pela maçonaria, Riego ganhou a guerra, o rei Fernando VII foi obrigado a jurar a Constituição que antes abolira. Nas palavras de Federico Suárez, os três anos sucessivos foram de completa anarquia e desordem, violência, crueldades, roubos, assassinatos em todo o país, etc.

No ano de 1823, Fernando VII contou com a ajuda dos reis europeus da Santa Aliança, que enviaram à Espanha um exército de 100.000 soldados, chamados filhos de São Luís. Isto permitiu ao rei restaurar novamente o absolutismo e desencadear uma perseguição aos liberais e maçónicos. Vemos o país mergulhado numa profunda divisão, ou seja, por um lado os realistas, por outro lado, os liberais, e cada um deles contemplava duas facções, isto é, uma moderada e outra mais extremista. No meio de toda esta confusão, o infante dom Carlos, irmão predileto do rei, estava do lado dos absolutistas da facção mais radical, chamados apostólicos, com grande influência na corte. Foi para dom Carlos, sucessor segundo a lei Sálica, e a sua mulher dona Maria Francisca de Bragança um desgosto quando Fernando VII decidiu casar-se com Maria Cristina de Nápoles, uma vez que dos três anteriores matrimónios o rei não tivera filhos. Deste matrimónio nasceram duas meninas e, mais uma vez, se acende a esperança dos Carlistas.

Segundo Carlos Valverde, Maria Cristina, ainda grávida e aconselhada pelos seus conselheiros liberais, fez com que o rei publicasse a Pragmática de Carlos V, pai de Fernando VII, redigida juntamente com as Cortes no ano de 1789. Por conseguinte, como era de esperar, dom Carlos revoltou-se com tudo isso e sobretudo, porque nenhum órgão foi consultado para a alteração da Lei Sálica. Por isso, a Lei Sálica ofereceu bastante resistência.

Para compreendermos os sentimentos em jogo, temos de considerar a Pragmática Sanção de 1830, enquanto um documento decisivo, ou seja, aquele em que o rei Fernando VII altera uma das leis fundamentais do país, a Lei da Sucessão. A publicação da Pragmática foi acolhida pelos liberais com grande entusiasmo, embora os realistas²⁵ a tenham desprezado, defendendo o Manifesto de 1814. Segundo a Pragmática, a sucessão não dependia do sexo, mas da pura primogenitura. Portanto, podemos dizer que as específicas circunstâncias da realidade política espanhola desde 1808 e a sua lenta e complexa evolução até 1832 foram a causa de que ambos problemas, o dinástico e o ideológico, o jurídico e dos princípios, estivessem indissoluvelmente unidos. Esta situação agravou-se quando, em finais de 1832, Maria Cristina aceitou o apoio dos liberais para defender a vigência da Pragmática contra dom Carlos e os seus, visto ter consciência que, sem este auxílio, a sua filha Isabel não conseguiria reinar. Estes acontecimentos são de extrema importância para todo o desenvolvimento da história de Espanha. É neste momento crítico da política espanhola, com a grande crise de sucessão ao trono entre os liberais e realistas, que, em 1832, Donoso Cortés faz a sua pública aparição no âmbito da vida política espanhola. Na perspetiva de Rino Cammilleri, o golpe de “La Granja” é um acontecimento importante para percebermos todo o desenvolvimento da política das duas facções, isto é, dos realistas, apoiados por dom Carlos, e dos liberais, apoiados por Maria Cristina. No fundo, o golpe consistiu na capacidade de a rainha e dos seus aliados persuadirem o rei Fernando VII a aprovar a Pragmática e, no dia 1 de outubro, nomear um governo liberal. Pouco tempo depois destes acontecimentos, o rei Fernando VII veio a falecer. Ainda adepto do partido e dos ideais liberais, Donoso Cortés desempenhou um papel preponderante nos acontecimentos de “La Granja”. O novo governo foi liderado por Cea Bermúdez. Os liberais conquistaram definitivamente o poder político. Contudo, os carlistas ou realistas, não satisfeitos com a situação, enfrentam os o novo regime em três guerras civis, a primeira, de 1833 a 1840, a segunda, de 1846 a 1848, e a terceira, foi de 1872 até 1876.²⁶

²⁵ O realismo (realeza), identificado com a pessoa de dom Carlos, era uma solução política distinta do Absolutismo e até mesmo do simples Antigo Regime mas mostra-se claramente, oposta a este sistema político. O realismo era uma tendência perfeitamente definida, com características próprias, com conteúdo doutrinário peculiar.

²⁶ Durante todo este período em que aconteceu a guerra civil entre carlistas e liberais, o império espanhol do Ultramar desmoronou-se. Todos os territórios foram ganhando a sua independência. Em 1816, Argentina tornou-se independente; em 1818, o Chile. Em 1819, os Estados Unidos compraram a Flórida, e a Colômbia declara-se independente. Logo o Peru segue o mesmo exemplo e, posteriormente, ou seja, em 1822, o Equador.

O grande erro de Cea Bermúdez foi tentar agradar a ambas as facções, carlistas e liberais e, deste modo, viu o seu governo desmoronar-se. Martínez de la Rosa formou um novo governo liberal que ficou conhecido pela matança dos frades como consequência dos novos ideais. Sem divagar, queremos apenas dizer que todos estes acontecimentos contribuíram para que, em 1834, o liberalismo espanhol sofresse uma rotura entre moderados e progressistas. A rotura no seio dos liberais, não impediu que Juan Alvarez Mendizábal, querendo em 1835 tirar o país da crise económica, confiscasse os bens da Igreja Católica com o decreto da supressão das casas religiosas. Por conseguinte, em 1836, mais uma vez em La Granja, a rainha foi obrigada a restaurar a Constituição que tinha sido aprovada em 1812 no referido lugar. Na sucessão de todos estes acontecimentos, a rainha viu surgir mais uma nova Constituição em 1837 e, posteriormente, renuncia à regência no dia 12 de outubro de 1841, quando se retirou para França. A partir de dezembro de 1838, entra um novo personagem na cena política, o general Espartero, que dissolveu a Cortes constituindo-se ditador. Mas, não se manteve por muito tempo. Abandonando a regência e o país, foi substituído por um outro general, Narváez, liberal moderado. Como o seu predecessor, governou ditatorialmente desde maio de 1844 até fevereiro de 1846. Foi com Narváez que nasceu a Guarda Civil como instituição de defesa dos cidadãos. Reformou a Fazenda do tesouro e conseguiu acalmar a tensão existente entre o Estado liberal e a Igreja Católica. Por fim, quando caiu o governo de Narváez, subiu ao poder Bravo Murillo, que soube restabelecer os vínculos com a Santa Sé e fez com que o país desse um passo para a frente depois de tantas guerras. Podemos dizer que a guerra em nada ajudou o país, mas apenas criou dificuldades. Em todas elas, Donoso Cortés teve sempre um papel ativo como protagonista da vida política de Espanha, desde a sua primeira aparição até ao fim da sua vida.

Donoso Cortés nunca se identificou com a corrente carlista. Contudo, nos seus últimos anos de vida, as suas posições são semelhantes quanto à radicalização do seu catolicismo e das objeções grandiloquentes sobre os defeitos da modernidade liberal. Provavelmente, a sua fidelidade à dinastia isabelina e ao seu aristocratismo incompatível com certas tendências plebeias do carlismo, fizeram-lhe distanciar-se deste último até ao fim da sua vida.

Podemos finalizar este segundo ponto com as palavras de José Luis Monereo Pérez que diz:

O seu tempo é o tempo da revolução, da reação e contrarrevolução. O século XIX é um século de transição; é um século que estava chamado forçosamente, por sua situação e pela sua natureza, a muita agitação. Donoso Cortés inscreve-se nesta dialética da sua época. Era uma época de revoluções. Era uma conjuntura crítica determinante do fim de uma época, com a entrada em cena de ideias próprias de uma nova era emergente. Pode-se falar da centralidade de Donoso Cortés ao ser ponto de referência do debate do seu tempo, onde se cruzam partidários e detratores da máxima facção intelectual. Donoso Cortés era um homem pertencente a esse tempo histórico; um homem do século XIX²⁷.

1.2 A VIDA DE DONOSO CORTÉS (1809-1853)

Meléndez Valdés, no discurso inaugural da Real Audiência de Cárceres em 1791, descreve a Estremadura como uma das regiões mais pobres de Espanha. Uma região despovoada que, com dez habitantes por quilómetro quadrado, se estendia por imensas planícies sem cultivo, com péssima acessibilidade e sem escolas, uma região subdesenvolvida e que não proporcionava qualidade de vida.²⁸

Em finais do século XVIII e princípios do século XIX, as aldeias da Estremadura eram habitadas por lavradores pobres e, muitas vezes, atingindo o limiar da miséria, dependiam de alguns proprietários aristocratas ou ricos²⁹. A pobreza extrema dos lavradores e a riqueza excessiva dos proprietários criavam um sentimento de revolta interior, mas não se passava do sentimento, porque os lavradores estavam completamente desprotegidos e abandonados à sua sorte, isto é, sem qualquer possibilidade de reivindicar os seus próprios direitos, não havendo quem os defendesse da exploração.

Don Benito era uma dessas aldeias, não das mais pobres, mas não muito diferente das demais aldeias da Estremadura. A origem do nome recorda o poderoso benfeitor que em 1469 cedeu terrenos aos habitantes de Don Llorente, que fora destruída pelas inundações do rio Guadiana³⁰. Don Benito situa-se nas suas margens e os seus campos eram férteis em cereais, pastos e criação de touros. Sabemos que uma das famílias proprietárias de terras de Don Benito no início do século XIX era constituída por Don Pedro Donoso Cortés, advogado do Conselho Real, e Dona Maria Elena Fernández-

²⁷ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I.

²⁸ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I.

²⁹ Cortés, *Obras Completas de Donoso Cortés*, Vol.I.

³⁰ Edmund Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, Trad. Ramón De La Cerna (Madrid: Espassa-Calpe, S.A., 1936).

Canedo. Don Pedro Donoso Cortés era descendente, do lado materno, de Hernan Cortés, conquistador do México. A mãe de D. Pedro Cortés, ainda jovem, foi apelidada de “menina rica” pelo facto ser filha única de uma família abastada de Don Benito.³¹

No inverno de 1808 a 1809 a “francesada”³², expressão significativa com a qual os populares apelidaram as tropas napoleónicas, devastou os campos e aldeias da Estremadura. Os campos de Medellín e Don Benito foram cenário trágico de guerra em março de 1809. Os lavradores e os proprietários tiveram que fugir do perigo das armas e do vandalismo dos soldados franceses. Entre os fugitivos encontravam-se Don Pedro Donoso Cortés e Dona Elena Fernández-Canedo³³. Fugiram para Valdegamas, situada a vinte quilómetros de Don Benito, onde possuíam uma quinta. Naquele paraíso terrestre, longe de Don Benito, no dia seis de maio de 1809, no Vale de la Serena³⁴, nasce Juan Donoso Cortés. Quando a “francesada” se retirou do território da Estremadura, a família Donoso regressou a Don Benito e ali passou Juan a sua infância.

A Estremadura com a sua geografia austera e imponente, marcou o temperamento de Juan Donoso Cortés.³⁵ Por isso, Menéndez Pelayo dizia que ele carregava dentro de si mesmo a impetuosidade dos estremenhos, trazia nas suas veias todo o ardor da sua pátria e falava fluentemente a língua local de que se orgulhava. Segundo um dos seus biógrafos³⁶, a planície, uma característica da Estremadura, despertou em Juan Donoso Cortés a capacidade de ver mais além, de perceber as causas e efeitos das coisas. A paisagem da sua terra teve um papel importante na sua vida. Uma realidade que pode ser sublinhada, como exemplo, é o facto de que o céu alto, limpo e azul lhe ensinou a ter ideias eternas que regem e fundamentam as vicissitudes humanas. Podemos afirmar, com os seus biógrafos, que traços na sua personalidade são frutos da paisagem e do contexto em que nasceu Juan Donoso Cortés.

³¹ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*.

³² Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 12; 23-24.

³³ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 24.

³⁴ No Vale de la Serena, onde Donoso Cortés nasceu, venera-se uma imagem de Nossa Senhora da Saúde. A sua mãe ofereceu o recém-nascido à Nossa Senhora da Saúde, recebendo o nome de Juan Francisco Manuel María de la Salud.

³⁵ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I.

³⁶ Marcelino Menéndez-Pelayo, *Historia de los Heterodoxos Españoles*. Alicante: Biblioteca, 2003.

Edmund Schramm afirma, na sua exaustiva obra bibliográfica³⁷, que o ambiente da família Donoso Cortés é o característico das famílias burguesas do seu tempo, família numerosa, como era normal na época. O casal teve, para além de Donoso Cortés, mais três filhos destacados na vida pública³⁸. Don Pedro, seu irmão preferido, foi advogado de prestígio, Don Francisco foi funcionário administrativo e chegou a desempenhar a função de ministro de Estado e Don Eusébio, o mais novo dos irmãos, distinguiu-se na política, sendo várias vezes governador civil. Pode-se dizer que o ambiente familiar era caloroso. Sendo uma família burguesa tradicional, a religião católica desempenhava um papel preponderante na sua vida diária, embora o pai, apesar de profundamente católico e ter educado catolicamente os filhos, fosse ao mesmo tempo um defensor do liberalismo e das suas ideias.³⁹ Don Pedro Donoso Cortés revela-se como um verdadeiro opositor ao absolutismo de Fernando VII⁴⁰. Juan Donoso Cortés, que a partir de agora trataremos apenas como Donoso Cortés, revela nas suas correspondências com os amigos o carinho e proximidade que tem com os pais e com a família (Carta ao conde Raczynski, de 17 de setembro de 1849: II 938).

No século XIX, o ensino em Espanha era rudimentar e sem condições.⁴¹ Por isso, Don Pedro Cortés, querendo um ensino de qualidade para o seu filho, teve a feliz ideia de trazer a Don Benito um professor para ensinar o pequeno Donoso Cortés a ler, a escrever, a ter as primeiras noções de aritmética e de gramática latina, na altura considerada indispensável para conhecer o castelhano e para seguir estudos de humanidades⁴². Donoso Cortés tinha, desde cedo, uma propensão e gosto para os estudos, por isso, contou sempre com o apoio dos pais, especialmente do pai. O gosto pela história e pela literatura, ainda muito novo, foi-lhe despertado no seio familiar pelo próprio pai que era um grande amante do saber.⁴³ Pode-se dizer que nutriu, desde tenra idade, uma paixão pelos estudos que o acompanhou ao longo de toda a sua vida. Com apenas 11 anos de idade, frequentou

³⁷ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 11.

³⁸ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 13.

³⁹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I.

⁴⁰ (Fernando VII defendeu sempre absolutismo contra toda a tentativa liberal. Defendia a Constituição de Cádiz e suas liberdades, os direitos do homem tal como liberdade, igualdade, fraternidade, ideias iluministas vindas de França).

⁴¹ Cf. Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*. Segundo Soldevilla, na sua obra “La vida española en siglo XVIII, en Historia de España”,

⁴² Schramm é de opinião que Donoso Cortés seguiu as aulas de francês ainda em Don Benito pelo facto de ser considerado pela burguesia uma língua culta e o latim era indispensável para o conhecimento da gramática

⁴³ Gabino Tejado acredita mesmo que Donoso Cortés tinha uma alma de investigador

durante o ano de 1820 a universidade de Salamanca⁴⁴, embora, de um modo geral, os estudos realizados em Salamanca e depois em Cáceres, correspondam propriamente ao ensino secundário. A universidade de Salamanca mostrou-se sempre antagónica ao absolutismo e, por este motivo, em 1823 foi decretado o seu encerramento. Durante a sua permanência em Salamanca, dizem os biógrafos, esteve em contacto com uma série de figuras preeminentes da corte de Cádiz como Quintana⁴⁵, Gallardo, Muñoz Torrero, Cienfuegos, Meléndez e Blanco White, entre outros. O que mais impressionou o jovem Donoso Cortés durante a sua curta estadia em Salamanca foi, em geral, o entusiasmo pelo novo regime político que começava a ganhar muitos simpatizantes, sobretudo entre os mais jovens. No entanto, estas impressões não chegaram a fundamentar sérias convicções políticas.⁴⁶ É importante realçar que não tem fundamento a afirmação de que Donoso Cortés aos 11 anos já tinha estabelecido as bases do seu pensamento político. Aliás, uma tal afirmação não tem qualquer fundamento e nem sequer faz sentido defender uma tese semelhante a esta.

Segundo Carlos Valverde, em 1821 Donoso Cortés foi enviado para o colégio de São Pedro de Cáceres⁴⁷, com categoria de universidade provincial, onde estudou lógica, metafísica e ética. Em Cáceres conheceu José García Carrasco e os seus dois filhos que marcaram profundamente a sua vida no que concerne as ideias liberais e progressistas⁴⁸.

Terminados os estudos de filosofia em Cáceres, no outono de 1823 muda-se para Sevilha para estudar direito⁴⁹. Quanto ao período de Sevilha, Pastor Díaz é o único biógrafo de Donoso Cortés que nos oferece alguns dados importantes da sua permanência. Donoso Cortés frequentou durante cinco anos a universidade de Sevilha. Como universitário, juntamente com outros amigos, fundou uma sociedade literária.⁵⁰ O círculo

⁴⁴ Os estudos realizados por Donoso Cortés em Salamanca e posteriormente em Cáceres corresponde ao secundário e não ao ensino universitário.

⁴⁵ Quintana teve um papel relevante na formação espiritual e humana do jovem Donoso Cortés.

⁴⁶ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 24.

⁴⁷ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I. Na opinião de Carlos Valverde, o colégio de São Pedro foi fundado em 1772 e funcionou como tal até 1819 quando foi convertido em seminário para a formação do clero diocesano. Mas em 1821 voltou a abrir as portas como colégio.

⁴⁸ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*. Os dois filhos de D. José García Carrasco destacaram-se na vida política espanhola. Era uma família plenamente envolvida nos destinos do país e procurava uma mudança na estrutura da sociedade espanhola.

⁴⁹ A Universidade de Sevilha vivia o seu auge com D. Nicolás Maestre, Cónego da Catedral. O período transcorrido por Donoso Cortés em Sevilha como estudante foi de grande importância para o seu desenvolvimento espiritual.

⁵⁰ Essa sociedade literária concebia-se como continuação de outra que existira anos antes em Sevilha onde figuravam homens como Reinoso, Blanco, Arjona e outros que deixaram uma marca indelével na vida intelectual da sociedade hispalense.

de amigos, ou sociedade literária, era constituído por Gallardo, Joaquín Francisco Pacheco⁵¹, Cívico e Claro. A sociedade fundada com os seus amigos não se limitou à poesia, mas procurou sempre um aprofundamento das leituras de filosofia e história, frequentando uma diversidade de autores tais como Locke, Condillac, Destutt de Tracy e De Bonald, e deste modo, refletia os problemas do seu tempo, que por sinal não eram poucos.⁵² No verão de 1828, aos dezanove anos de idade, terminado os estudos em Sevilha parte para Madrid com uma carta de recomendação do seu amigo Quintana a don Augustín Durán,⁵³ com a qual esperava ser introduzido no círculo cultural madrileno. Contudo, a sua permanência em Madrid foi breve. Provavelmente em julho de 1829 terá regressado a Don Benito, tal como mostra uma carta sua enviada ao amigo Don Manuel Gallardo datada de 25 julho de 1829. Assim sendo, confirma-se a hipótese de Schramm de que no verão de 1829 Donoso encontrava-se em Don Benito.

Schramm deduz que Donoso Cortés de 1 de setembro de 1829 até 11 de outubro de 1831 terá trabalhado com a maior pontualidade no escritório de seu pai. Ocupava-se essencialmente, com bastante habilidade, dos casos jurídicos cuja solução lhe tinha sido confiada. Contudo, para além do trabalho, aproveitou esse período para intensificar as suas correspondências com os amigos e antigos colegas de estudo. Convém realçar que tais correspondências são de extrema importância para podermos compreender o jovem Donoso Cortés, liberal e romântico progressista. Para Donoso Cortés, nesta fase da sua vida, o racionalismo é uma verdade e não é possível qualquer argumento contrário a este ponto de vista. Podemos compreender isso quando Donoso Cortés expressa o seu pensamento do seguinte modo: «Quando não existe liberdade racional não existe razão».⁵⁴ Podemos dizer que Donoso Cortés é tão radical no seu pensamento em relação à razão que chega mesmo a dizer: «A todo o jovem é reservado o fascinante privilégio de

⁵¹ Joaquín Francisco Pacheco foi amigo íntimo de Donoso Cortés. Tornou-se um político de referência em Espanha, dirigindo a facção liberal que tomou o nome de "puritana". A evolução do pensamento de ambos fez com que se afastassem um do outro. Podemos dizer que o afastamento físico foi também um afastamento de pensamento.

⁵² Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*. Segundo Schramm, Donoso Cortés terá recebido uma carta de seu amigo don Manuel Gallardo em que se evidencia os dois sistemas filosóficos estudados pelo autor. O primeiro consiste no sensualismo de Locke, Destutt-Tracy e Condillac; o segundo sistema é o tradicionalismo de Bonald. Contudo, ambos os sistemas serão superados por Donoso Cortés. Por esta razão, aconselha os seus amigos a procurarem uma visão de conjunto, ou seja, desde o processo íntegro da metafísica desde Platão até ao idealismo alemão e, deste modo, manter-se eclético.

⁵³ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 41. Durán não ocupava nenhum cargo político, mas ocupava-se na composição literária de romances. Politicamente Durán situava-se no liberalismo moderado.

⁵⁴ Rino Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, (Genova: Marietti S. P. A. , 1998), 20.

levantar a cabeça, sendo independente, no meio de homens pusilânimes e oprimidos pelo peso de sistemas monstruosos que pervertem o coração, conduzindo a humanidade ao precipício».⁵⁵ Nestas breves palavras podemos perceber como Donoso Cortés é capaz de ser um homem defensor dos seus ideais de maneira radical e sem meio termo.

Enquanto permaneceu em Don Benito, todo o seu tempo livre foi, certamente, dedicado às lides literárias e de erudição histórica, bem como ao estudo de obras sobre a teoria de Estado. No seu caderno de apontamentos e reflexões, Donoso Cortés, deixou-nos o testemunho do que o interessava do ponto de vista literário, ou seja, encontram-se passagens de livros consultados e lidos por ele. Vale a pena citar, a título de exemplo, um pensamento que se encontra na primeira página do seu caderno de apontamentos: «os povos acostumados à escravidão olham para o sorriso do tirano como um favor, porque olham a escravidão como um dever»⁵⁶. Podíamos citar uma quantidade de frases escritas no seu caderno de apontamentos e reflexões, mas pensamos que não seja necessário, porque teremos a oportunidade de fazê-lo quando analisarmos o desenvolvimento do seu pensamento. Contudo, é importante sublinhar desde já que o jovem Donoso Cortés, neste período da sua vida, já demonstrava um interesse pelo problema da ditadura no seu país. Apresenta já um esboço do seu perfil intelectual, pois nas últimas páginas do seu caderno, há uma lista de livros de carácter teológico, filosófico, histórico e literário, consultados e lidos por ele durante este período da sua vida.

É importante realçar que, ainda durante este período, algo de muito importante acontece na vida de Donoso Cortés, isto é, o jovem casa-se com Teresa Carrasco, filha menor de García Carrasco.⁵⁷ O matrimónio realizou-se no dia 20 de janeiro de 1830. A família de Teresa pertencia à burguesia, isto é, era muito poderosa, muito influente na Estremadura e, também em Madrid, onde gozava de um grande prestígio entre os políticos.

Como todo caminho tem um princípio e um fim, seguindo a tese de Carlos Valverde,⁵⁸ podemos considerar este período da vida de Donoso Cortés como a etapa conclusiva da sua formação intelectual e académica. Depois desta etapa, entra para a vida pública e política, de onde nunca mais sairá, na visão de Rino Camillieri, estudioso do

⁵⁵ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 169. Carta de 18 agosto 1828.

⁵⁶ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*. Segundo Schramm, não é possível averiguar se estas frases são expressão de um sentimento pessoal ou se são fruto de leituras.

⁵⁷ Cf. Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*.

⁵⁸ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 54.

seu pensamento, Donoso Cortés era um jovem muito inteligente, consciente do seu valor e decidido a realizar uma grande missão na evolução progressista da cultura, da pátria e da humanidade.⁵⁹ Encontramos na sua personalidade traços de nobreza e dignidade, embora, às vezes, com uma certa altivez. Nesta fase da sua vida, não há traços de uma religiosidade profunda. Contudo, podemos dizer que era um católico praticante dos seus deveres e obrigações. Por isso, dirá muitos anos mais tarde, com pesar no coração:

Sempre fui um católico no íntimo da minha alma; mas a minha fé era estéril porque, não orientava os meus pensamentos, nem era fonte de inspiração dos meus discursos e muito menos das minhas ações. Creio, sem dúvida alguma, que se, no tempo em que mais abandonei e me esqueci de Deus, me tivessem dito: «Tens de negar o catolicismo ou padecer grandes tormentos, me teria resignado aos tormentos para não negar o catolicismo». Entre esta disposição de alma e a minha conduta havia, sem dúvida alguma, uma grande contradição.⁶⁰

Em Cáceres, substituindo o seu amigo Quintana que se recusou a desempenhar esta função, Donoso Cortés trabalhou como professor durante dois anos, ensinando estética e literatura, embora tivesse desde o início manifestado uma grande insatisfação. Porém, podemos afirmar que o seu discurso de abertura do ano académico foi uma demonstração do seu potencial como orador;⁶¹ em que demonstra respeitar o cristianismo e ser um admirador estético dos seus valores, da sua força de unidade, do seu poder criador. Com o seu espírito romântico, revela-se admirador da Idade Média e, como liberal, condena por monstruoso o feudalismo. Por conseguinte, deixa-se entusiasmar pelo século XVIII, com a filosofia e os filósofos franceses. Podemos classificá-lo por agora como um pensador eclético progressista.⁶²

No que toca à vida privada deste período, destaca-se como Donoso Cortés, nas suas cartas, deixa entrever o afeto e o carinho que nutria pela sua esposa Teresa. Esta afirmação é clara quando analisamos o seu discurso de 16 de abril de 1848, onde segundo estudiosos, a sua fonte de inspiração foi, sem dúvida, a figura da sua amada esposa: «Quando Deus

⁵⁹ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 55.

⁶⁰ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 342. Carta a M. Alberich de Blanche, marqués de Raffin.

⁶¹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I. 36.

⁶² Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 47-48. Segundo Schramm, no discurso de abertura do Colégio, Donoso Cortés mostrou decisão, originalidade, progressismo, ilustração e os princípios com que, com o passar dos tempos, se tornaria um orador deslumbrante. O curso, porém, contou apenas com dois alunos, tendo sido um fracasso.

apaixonado pelo homem, sua criatura perfeita, quis dar-lhe um primeiro presente, no seu amor infinito deu-lhe a mulher, ela levantou os olhos para ele e espalhou flores no caminho e luz no horizonte»⁶³. Essas palavras revelam de maneira sublime e eloquente tudo o que Donoso Cortés sentia pela sua amada.

Foi em 1832⁶⁴ que Donoso Cortés se destacou no complexo mundo da política do seu tempo quando, junto com a esposa, se transferiu para a capital. Em Madrid, junto dos seus cunhados, defensores dos ideais liberais, teve a possibilidade de intervir ativamente na vida política, que era o seu grande desejo. Espanha vive uma crise de sucessão, a sucessão do rei Fernando VII. Segundo Suaréz Verdaguer,⁶⁵ é nesta altura que se dá um grande acontecimento na vida política de Donoso Cortés: os “sucesos de La Granja”. Segundo o mesmo autor, Donoso Cortés esteve diretamente envolvido neste golpe de Estado que colocou o poder nas mãos dos liberais. É neste contexto político, com apenas vinte e três anos, que, em 1833, foi nomeado oficial da secretaria de Graça e Justiça⁶⁶. No mesmo ano de 1833 morre o rei e o país entra numa guerra civil, a primeira guerra carlista. Neste período, Donoso Cortés abandona a poesia e começa a sua atividade jornalística. Embora o jornalismo fosse, no seu tempo, uma atividade desprezível por parte dos grandes académicos, ele envereda por este caminho com o objetivo de difundir o liberalismo através dos jornais. Vêmo-lo, neste momento, a escrever em vários jornais, tais como *La Abeja*, o *El Porvenir*, o *El Observador*, o *El Correo Nacional*, o *Piloto* e na *Revista de Madrid*.

Podemos a este ponto arriscar e dizer que a sua vida passou por diversas etapas até atingir a maturidade de pensamento. Nos seus primeiros anos, enquanto defensor do liberalismo, condenou categoricamente o absolutismo como sistema arcaico e em desuso. Porém, na sua fase madura, condenou o liberalismo pela rotura que causava na estrutura social.

Em 1834,⁶⁷ acontece algo inesperado. O partido liberal sofre uma rotura e surgem duas tendências dentro do mesmo partido, uma progressista e outra moderada. Alguns

⁶³ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 24.

⁶⁴ A 13 de outubro de 1832 vemos Donoso Cortés pela primeira atrair a atenção pública com uma Memoria sobre a Monarquia dirigida ao rei.

⁶⁵ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 25-26.

⁶⁶ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*.

⁶⁷ Em 1834 percebemos que Donoso Cortés continua sendo liberal, mas demonstra sensivelmente uma tendência à moderação, isto é, começa a dar passos para a visão mais tradicionalista da política.

dos nomes que encontramos na ala moderada são Martínez de la Rosa, Toreno, Alcalá Galiano, Istúriz e o próprio Donoso Cortés.

Entre 1833 e 1834, a vida de Donoso Cortés ficou marcada por duas grandes tragédias que lhe deixarão sequelas na alma. A primeira foi a morte da sua filha única. E no verão do ano seguinte, mais precisamente no dia 3 de junho de 1835, faleceu a sua esposa em Cáceres. A partir deste momento a vida de Donoso Cortés complica-se, torna-se um homem solitário e triste⁶⁸. Podemos dizer que estes acontecimentos moldaram a maneira como escrevia e, de certa forma, tornou-se mais pessimista nos seus escritos. Tudo isso se entrelaça com o que se vivia em Espanha, isto é, uma anarquia total e a guerra civil que devastava o país inteiro.

Neste momento, Donoso Cortés é um defensor de todas as ideias dos “doutrinários franceses”. Por isso, identificava-se com a teoria da monarquia parlamentar das duas câmaras; defendia o sufrágio restringido, a divisão de poderes e vivia entusiasmado com a Revolução Francesa, ou seja, enquanto iniciadora de uma época luminosa e racional.

Em 1835 foi enviado à Estremadura na qualidade de comissário régio com o objetivo de conseguir que os estremenhos se rendessem à rainha e ao governo, sendo ele membro do governo progressista dirigido por Juan Alvarez Mendizábal. Realizou com êxito esta missão e como reconhecimento foi condecorado com a cruz de cavaleiro de Carlos III.

Como católico, embora não encontremos nenhum comentário da parte dos seus biógrafos, intuimos como terá reagido à lei de Mendizábal ao confiscar os bens da Igreja Católica.

Segundo Joaquín Costa⁶⁹, as lições de direito político de Donoso Cortés eram comparáveis aos tratados políticos de Francisco Suárez. É importante sublinhar que quando Mendizábal perdeu o poder, Donoso Cortés cessou a sua atividade política. Contudo, em outubro do mesmo ano de 1836, foi convidado pelo Ateneu de Madrid para ocupar uma das cadeiras e ensinar direito político. As lições de direito político são a exposição mais completa da ideologia política de Donoso Cortés enquanto liberal moderado. Consequentemente, os escritos redigidos por ele durante este período revelam

⁶⁸ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 51.

⁶⁹ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I. 43.

os passos lentos, embora ininterruptos, que ele começa a dar rumo a posições cada vez mais conservadoras e absolutistas.

Em 1838, os “liberais doutrinários franceses” advertem nos escritos e no pensamento de Donoso Cortés uma rotura com os ideais que o mesmo dois anos antes defendia⁷⁰. Por outras palavras, começam a ressoar em seus escritos as frases contra a razão humana e nota-se claramente um profundo receio pelos frutos produzidos por aqueles ideais.

Donoso Cortés é um lutador político, vê uma sucessão constante de governos, vê a dissolução e ascensão de novas cortes, ao mesmo tempo é testemunha da redação de uma nova Constituição e da ascensão dos militares ao poder; vê a alternância no poder de dois grandes personagens, Espartero e Narváez. No fundo de tudo isto, o problema de sucessão continuava a dividir a Espanha⁷¹.

Edmund Schramm, de maneira clara, deixa entrever a relação existente entre a rainha Maria Cristina e Donoso Cortés, que esteve incondicionalmente ao serviço da rainha. Devido a tantos problemas, à insegurança e à depressão que dela se apoderou, a rainha decidiu renunciar à regência, mas permanecendo com a tutela das suas filhas. Donoso Cortés foi a França para estar ao lado de Maria Cristina e, deste modo, estar disponível para tudo o que a rainha precisasse, fosse dentro ou fora de Espanha. Assim sendo, quando a rainha Maria Cristina chegou a Marselha no dia 18 de outubro de 1840, esperava por ela o seu fiel servidor, que lhe redigiu o manifesto por ela dali endereçado como despedida à nação espanhola. O facto de ter acompanhado a rainha Maria Cristina até Paris, deu-lhe a oportunidade de entrar em contacto com os intelectuais da sociedade francesa. Pela fidelidade demonstrada por Donoso Cortés, Maria Cristina designou-o como membro do Conselho da tutela das infantas Isabel e Maria Fernanda. Em março do mesmo ano, Donoso Cortés, a mando da rainha, regressa a Madrid com o intuito de resolver com Espartero a questão da tutela das infantas.⁷² A rainha não consegue a tutela uma vez que “Las Cortes” e o governo declaram que Maria Cristina era incompetente para desempenhar o papel de mãe e educadora. Por conseguinte, no dia 10 de julho “Las Cortes” nomearam D. Agustín Argüelles como tutor das infantas. Assim sendo, a missão

⁷⁰ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I. 44.

⁷¹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I. 44.

⁷² A rainha Maria Cristina ao renunciar a coroa tinha reservado para si o direito da tutela das infantas Isabel e Maria Fernanda. Contudo, esse direito será revogado pelo governo.

de Donoso Cortés de conseguir a tutela das infantas para Maria Cristina não teve êxito e regressou a Paris, para junto da rainha e de outros membros do movimento liberal moderado, como Martínez de la Rosa, Cea Bermúdez, o conde de Toreno, Alcalá Galiano e os generais O'Donnell y Narváez.

Para Donoso Cortés, Maria Cristina, a quem foi sempre fiel apesar dos seus equívocos, representava uma instituição sacrossanta, isto é, a Monarquia espanhola legítima. Foi esta lealdade incondicional a Maria Cristina e, por fim, à sua filha, o único vínculo que nos últimos anos da sua vida uniu Donoso Cortés ao regime liberal.

Com a queda do governo de Espartero em 1841, Donoso Cortés pode regressar a Espanha, embora permaneça em Paris. Continuando em Paris, em 1842, escreve umas cartas no “El Herald” em que manifesta o seu interesse por todos os movimentos políticos e intelectuais de França, exceto o socialismo. Nas cartas escritas desde Paris faz uma crítica inteligente a Guizot e aos “doctrinarios”.⁷³

Para além do envolvimento na vida política, convém realçar a sua paixão pelos grandes filósofos tradicionalistas, alimento intelectual dos católicos franceses conservadores, que viam com maus olhos o catolicismo liberal de Lamennais e do L'Avenir. Por isso, tornou-se cada vez mais distante da corrente liberal e menos racionalista.⁷⁴

Espanha vivia uma grande instabilidade política e, neste contexto, Espartero, que durante o ano de 1840 tinha sido uma figura preponderante na política espanhola, viu o seu governo cair e teve que fugir para a Inglaterra. Deste modo, o país permanece sem rainha e sem governo, total anarquia. Com a queda de Espartero, Donoso Cortés regressa à Espanha com outros exilados. No dia 6 de novembro, como deputado pela sua província discursa a favor de Isabel II que, contradizendo a lei, foi declarada rainha com apenas 13 anos de idade.⁷⁵

⁷³ Segundo Donoso Cortés, a raiz da debilidade dos “doctrinarios” está na sua postura sem compromisso e na sua negatividade.

⁷⁴ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 104. É deste período a lapidar afirmação: “É certo que a razão humana é a maior das misérias do homem. Sem a fé, não sei o que é a verdade e não compreendo senão ceticismo.”.

⁷⁵ Segundo a constituição espanhola só a partir dos 14 anos de idade era possível o rei ou rainha subir ao trono e não antes desta idade. Por isso, era inconstitucional o facto da infanta Isabel II assumir o trono com apenas 13 anos de idade.

Apesar de inconstitucional a proposição prosseguiu e, no dia 8 de novembro do ano de 1843, Isabel II foi aclamada como rainha de Espanha. Quando Maria Cristina tomou conhecimento, aconselhou a filha a nomear Donoso Cortés como secretário particular e Isabel II seguiu o conselho da mãe. Donoso Cortés foi enviado a fim de trazer de volta para Espanha a rainha Maria Cristina desterrada em França, mas as circunstâncias naquele momento não permitiram que isso acontecesse e, deste modo, o enviado não conseguiu realizar a sua missão. Embora não trouxesse a rainha a sua viagem não foi inútil, porque conseguiu criar o ducado de Riánsares para o novo esposo da rainha Maria Cristina. Com a criação do ducado, Fernando Muñoz, esposo de Maria Cristina, conseguia um título de nobreza.

Será, finalmente, no dia 28 de fevereiro de 1844 que a rainha Maria Cristina volta a entrar em Espanha e no dia 12 de março chega à Valência. Donoso Cortés teve a honra de recebê-la com um discurso de boas vindas à rainha. É um tempo favorável para Donoso Cortés, os moderados têm o poder, a rainha Maria Cristina está de regresso a Madrid, no novo governo de Narváez consegue um lugar no parlamento representando Badajoz e, posteriormente, é nomeado secretário da comissão reformadora da Constituição. Aliás, Luís Sánchez diz que Donoso foi a alma da Constituição.⁷⁶ A nova Constituição foi considerada reacionária em relação à anterior pelo facto de negar o princípio da soberania nacional, de atribuir ao rei o direito de nomear os senadores, de eliminar a supremacia do Congresso e, por outro lado, conceder à Igreja Católica o privilégio de passar a ser a religião da nação.

Segundo Federico Suárez, houve um período em que Donoso Cortés, devido à questão do casamento de Isabel II, caiu em descrédito diante desta e de Maria Cristina. Num primeiro momento Donoso Cortés era favorável ao matrimónio de Isabel II com o irmão de Maria Cristina, o conde de Trapani, mas chegado a Espanha mudou completamente a opinião que tinha, enquanto estava em Paris. O que terá gerado entre eles um certo mal-estar.⁷⁷

No dia 16 de outubro de 1846, por ocasião do matrimónio de Isabel II com o infante Francisco de Asís e de sua irmã Luísa Fernanda com o duque de Montpensier, filho de Luís Filipe, Donoso Cortés demonstra ser um fiel servidor de Isabel II, por isso, recebe

⁷⁶ Cf. Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 138.

⁷⁷ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 114.

os títulos de visconde do Vale e marquês de Valdegamas e, deste modo, torna-se nobre de Castela.

Carlos Valverde afirma, de maneira objetiva, que Donoso Cortés começa a viver um processo de transformação interior. Como consequência deste processo, diminui a sua atividade jornalística, torna-se mais discreto, com uma vida mais voltada para o interior e menos para o exterior. Por ter vivido apaixonadamente a vida política, é capaz de fazer uma síntese dos diferentes movimentos, ou seja, vê a ineficácia do sistema liberal; o progressista tende para constantes revoluções, enquanto o sistema moderado tende para o ecleticismo que não assume compromissos.

Podemos dizer que o presente de um homem foi preparado no seu passado e que o futuro depende do presente. Por isso, toda a vivência de Donoso Cortés foi importante para a etapa definitiva da sua vida. Quando em 1847 completa 38 anos de idade, pode-se dizer que tinha entrado na sua última etapa, isto é, aquela que vai caracterizar a sua figura ao longo da história. Dois acontecimentos influenciaram definitivamente o novo rumo tomado pela vida de Donoso Cortés. Francisco de Asís, em conflito com a rainha Maria Cristina, obrigou Isabel II a enviar a rainha mãe para fora de Espanha. Estes acontecimentos fizeram com que Donoso Cortés acompanhasse a rainha mãe e providencialmente conhecesse em Paris a Masarnau⁷⁸. O segundo acontecimento importante foi a morte de seu irmão Pedro. Este trágico acontecimento será interpretado por Donoso Cortés como um poderoso e eficaz instrumento de conversão. Impressionado com a vida do irmão diz: «Tive um irmão, a quem vi viver e morrer, e que viveu uma vida de anjo e morreu como os anjos morreriam. Desde então, jurei amar e adorar, e amo e adoro ao Deus do meu irmão». Por isso, parafraseando Carlos Valverde,⁷⁹ o período a partir de junho de 1847 será para Donoso Cortés uma viragem antropológica, religiosa e política. Convém sublinhar que nos últimos seis anos da sua vida alcançará uma maturidade ao ponto de dizermos que a sua vida, o seu pensamento e o seu agir são testemunhos de um leigo católico comprometido com a sua fé, procurando divinizar todas as estruturas da sociedade e consagrar o mundo para Cristo Jesus.

⁷⁸ A vida de Masarnau era profundamente cristã, era reto e consagrado às boas obras. Este encontro permitiu-lhe descobrir que o fruto das suas leituras de autores franceses e latinos lhe fizeram perder a fé, enquanto Masarnau permaneceu sempre fiel ao catolicismo, e deixa-se interpelar pela singularidade de Masarnau.

⁷⁹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 52-53.

Estes acontecimentos supracitados ajudam-nos a compreender o novo estado psicossomático de Donoso Cortés. Quando Pio IX começou o seu pontificado, no dia 16 de junho de 1846, começou uma série de reformas na Igreja, esperadas por muitos sectores dentro e fora da Igreja. Embora os conservadores o considerassem um antipapa, dois pensadores espanhóis, Donoso Cortés e Balmes, defenderam o Pontífice enquanto Vigário de Cristo. Donoso Cortés defende o catolicismo não de maneira romântica como fizera no passado, mas sim com uma verdadeira convicção de que é no catolicismo que se encontram as fontes puras de tudo de bom que pode oferecer o liberalismo confuso, o racionalismo e a filosofia. É oportuno dizer que ele não se juntou aos absolutistas intransigentes, por uma razão muito óbvia: ainda era liberal. Isto não o impediu de defender de maneira incondicional o Sumo Pontífice, isso porque interiormente assumira a decisão de ser um católico, com todas as consequências que isto comportava.

Os séculos XVIII e XIX ficaram marcados com sucessivas revoluções, a começar pela Revolução Francesa em 1789 que, por assim dizer, é a mãe das revoluções que se sucederam em toda Europa ao longo destes dois séculos tão conturbados e instáveis. É verdade que o ambiente tendia para a revolução, mas, como sempre na história, também surgiram os antirrevolucionários⁸⁰, entre eles Adam Müller e Görres, na Alemanha; na Suíça Halle, na Inglaterra Newmann e Lord Acton; em Espanha Balmes e Donoso Cortés. E neste contexto podemos realçar que a revolução de fevereiro de 1848 foi para Donoso Cortés a cereja por cima do bolo, ou seja, acabou por configurar a sua personalidade ideológica. Conquanto a Revolução Francesa alterasse a antiga ordem social que imperou durante toda a Idade Média, os seus excessos fizeram com que surgisse o Império de Napoleão e pouco depois uma fugaz restauração do “Ancien Régime”. Mas em 1848 deu-se a sua queda. Neste mesmo ano de 1848, dois movimentos, nomeadamente, os socialistas e os marxistas destacaram-se na vida política e começou aquilo que Marx chamou revolução social, com mais alcance do que todas as outras revoluções políticas.⁸¹ Neste clima, depois de uma profunda reflexão sobre as revoluções que a Europa

⁸⁰ O movimento antirrevolucionário, mesmo sendo independente, segundo o contexto de cada país, só pode ser entendido à luz da revolução. Por outras palavras, é um movimento que surge como resposta à revolução.

⁸¹ Achamos interessante reportar alguns acontecimentos que decididamente marcaram o ano de 1848: no mês de fevereiro deu-se a revolução em Paris e queda de Luís Filipe de Orleães; deu-se a Instauração da República; os Reis de Nápoles e Toscana concedem uma Constituição. Em março aconteceu a revolução de Hesse-Kassel na Alemanha; motim em Viena e queda de Metternich; o Papa Pio IX concede uma Constituição aos Estados Pontifícios e Veneza declara-se independente. São apenas alguns exemplos de como o ano de 1848 foi realmente conturbado.

atravessava e a firme decisão pelo catolicismo, foi então que Donoso Cortés chegou à posição antirrevolucionária. Podemos acrescentar que foram três os acontecimentos que o impressionaram de maneira *sui generis*. O primeiro acontecimento foi o nascimento da República em França; o segundo foi a fuga de Pio IX para Gaeta; o terceiro acontecimento foi a queda de Metternich. Podemos concluir, tomando as palavras do próprio Donoso Cortés, que a sua conversão aos bons princípios se deve, em primeiro lugar, à misericórdia divina e, seguidamente, ao estudo profundo das diversas revoluções.

O ano 1848 foi, realmente, para Donoso Cortés um ano *sui generis*, isto é, um ano cheio de acontecimentos e experiências de um alcance imensurável. Podemos mencionar, a título de exemplo, o seu discurso sobre a Bíblia, a sua reflexão sobre História e a publicação de dois volumes de uma coleção escolhida das suas obras.⁸²

Donoso Cortés teve ainda uma vida muito ativa enquanto diplomata. Este período da sua vida ficou marcado por três grandes e emblemáticos discursos. No dia 4 de janeiro de 1849, enquanto Narváez⁸³ era atacado violentamente, ele pronunciava o seu célebre discurso sobre a ditadura. Mais à frente, falaremos do discurso, contudo permita-se-nos apenas realçar que no discurso sobre a ditadura está, já de maneira clara, o Donoso Cortés da última época, como diz Edmund Schramm.⁸⁴ A partir de então, ele já não é um eclético, como foi no passado, segue a corrente do tradicionalismo filosófico. Este Donoso Cortés tão diferente do que foi, é nomeado, no dia 6 de novembro de 1848, ministro plenipotenciário de Espanha em Berlim. Quando aí chegou, não dominava o idioma alemão nem sequer nutria qualquer simpatia pelos alemães. Mas, a partir da correspondência com o conde Raczynski podemos perceber a importância desta missão para Donoso Cortés na compreensão exaustiva da política europeia da sua época.

Os períodos em Berlim e, posteriormente, em Paris, permitiram-lhe cruzar-se com personagens como o embaixador da Suíça, da Bélgica e da Rússia. Com o seu pessimismo acentuado, no dia 30 de janeiro de 1850, no parlamento espanhol, pronunciou sobre a

⁸² Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 58.

⁸³ Numa das suas correspondências com o conde Raczynski, datada de 17 de setembro de 1849, Donoso Cortés diz que não existe amizade entre ele e Narváez nem muito menos simpatia. Por outras palavras, afirma uma incompatibilidade de carácter e personalidade. Mas reconhecia que Narváez era como uma coluna que sustenta o edifício e caso caia a coluna o edifício desmorona também.

⁸⁴ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 108-109.

situação europeia, o célebre Discurso sobre a Europa. Não aprofundaremos aqui o conteúdo do discurso uma vez que o faremos mais adiante.⁸⁵

Com a divisão no seio do partido moderado, quando o presidente exonerou Juan Bravo Murillo do cargo de ministro das finanças, Donoso Cortés decidiu afastar-se definitivamente do partido. Valendo-se da situação, escreveu e proclamou o seu quarto discurso intitulado “Discurso sobre a situação de Espanha”⁸⁶. Deixamos apenas uma pincelada, visto que mais adiante faremos uma análise do discurso. Nele manifesta a sua preocupação em relação ao estado da nação; critica o governo pelo facto de demonstrar mais preocupação com as coisas materiais do que com as religiosas, políticas e sociais. Neste quadro pessimista, podemos parafrasear, dizendo que ele vê e pinta o socialismo como algo nocivo para Espanha, embora não o pareça. Na mesma noite, Narváez pede a sua demissão a Isabel II e abandona o cargo. Contanto seja esta a situação, apenas em jeito de conclusão, da fase liberal de Donoso Cortés, podemos dizer que tinha acontecido uma transformação interior e, portanto, já não era o mesmo jovem revolucionário-liberal moderado, mas sim filósofo da sociedade e da história; defensor dos princípios do catolicismo até às últimas consequências.

Quanto ao “*Ensaio sobre o catolicismo, o liberalismo e o socialismo*”⁸⁷ falaremos no capítulo segundo da nossa investigação. Contudo, tal como fizemos com os três discursos de Donoso Cortés, também queremos evidenciar alguns aspetos, sem entrar em profundidade. O Ensaio foi publicado simultaneamente em Madrid e Paris em junho de 1851. Enquanto em França, de modo geral, o livro foi um sucesso e bem recebido, em Madrid foi motivo de polémica⁸⁸. Por esta razão, Carlos Valverde diz que não é fácil fazer uma observação crítica do Ensaio de Donoso Cortés, por outras palavras, na sua opinião é um livro complexo e original. A sua originalidade está no facto de ter evidenciado os problemas sociais e políticos que tanto comoveram a Europa durante o século XVIII. Podemos acrescentar que pela sua singularidade, no que diz respeito ao estilo, o Ensaio pode ser classificado como sendo um livro de política e teologia, de filosofia e de devoção, de sociologia e ascética, de polémica e poesia.

⁸⁵ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 122-137.

⁸⁶ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 230-233.

⁸⁷ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 237,

⁸⁸ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 64-65.

Em março de 1851, Donoso Cortés encontrava-se em Paris para representar o Estado espanhol perante a segunda República francesa.⁸⁹ A segunda República e Donoso Cortés divergiam na ideologia política. Mas ainda assim, Luís Napoleão tinha uma grande admiração por ele. É curioso como as relações entre ambos foram sempre cordiais, exceto quando confiscou os bens da casa Orleães, pelo facto de a medida afetar a casa real espanhola, uma vez que Luísa Fernanda, irmã da rainha, estava casada com o filho de Luís Filipe, último rei francês.

Donoso Cortés, em França, tem, pois, uma vida bastante ocupada, devido à sua missão de representante do Estado Espanhol junto do Estado Francês. A sua posição de diplomata exige bastante dele, em vários aspetos. E como se não fosse suficiente, devido à polémica do Ensaio, sentiu o dever de responder publicamente aos ataques contra o Ensaio.⁹⁰

A partir do momento em que tomou a decisão de se tornar católico, aconteceu algo de extraordinário na sua vida, isto é, viveu como um verdadeiro asceta. Como católico, soube interiorizar a virtude da caridade como algo inerente à sua fé; ajudava sempre os pobres e todos os que batiam a sua porta pedindo ajuda⁹¹. Por isso, Edmund Schramm pôde dizer que Donoso Cortés frequentava com a mesma naturalidade os ambientes dos pobres e o da alta sociedade francesa. Era um homem humilde.

Carlos Valverde refuta a tese de que Donoso Cortés estava prestes a ingressar para os Jesuítas uma vez que não há nada no arquivo da referida Ordem que prove esta tese. Contudo, dos testemunhos de Veuillot⁹², podemos reconhecer alguém animado por um ideal de santidade, que, catolicamente, procurou instaurar o Reino de Deus na sociedade e no tempo em que viveu.

No dia 3 de maio de 1853, com apenas 44 anos de idade, perto das 18 horas, morreu o grande diplomata marquês de Valdegamas, Juan Donoso Cortés. As exéquias tiveram lugar no dia 7 de maio com grande pompa; o cadáver recebeu sepultura provisória na cripta de Saint-Philippe-du-Roule, sendo mais tarde trasladado para Madrid no dia 11 de maio de 1900⁹³.

⁸⁹ Donoso Cortés já estava em França quando o Ensaio foi publicado.

⁹⁰ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 122-137.

⁹¹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 67-72.

⁹² Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 74.

⁹³ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 78.

1.3 DIFERENTES FASES DO SEU PENSAMENTO

O pensamento de Donoso Cortés foi sempre objeto de um fenómeno curioso: ficou adormecido e até esquecido nos oásis da história, contudo foi nos períodos de crise que foi descoberto. É uma espécie de eterno retorno de Donoso Cortés, um destino que ele já havia previsto para si mesmo.⁹⁴

Assim conclui Cammilleri, no seu extenso estudo sobre Cortés.

Com efeito, Donoso Cortés foi uma personagem de grande relevância. Uma leitura introspetiva da sua personalidade nos permite concluir que era um homem de princípios, um defensor da verdade, mesmo quando isso implicava ir contra a corrente. Por outras palavras, como João Baptista nos evangelhos, a sua voz era um grito no deserto apelando à conversão e, por conseguinte, era ele mesmo o primeiro a deixar-se envolver pelas palavras saídas da sua boca. Podemos dizer que as suas palavras estavam intimamente unidas à sua vida, isto é, a partir da sua conversão, a sua vida foi um cumprimento radical da mensagem do evangelho de Jesus Cristo⁹⁵. Isso pode ser confirmado pelas atitudes que teve, por exemplo, para com os mais necessitados na grande cidade de Paris⁹⁶.

A sua capacidade de ler os acontecimentos históricos fez com que atingisse a dimensão de um profeta, ou seja, as suas previsões tornaram-se realidade no decorrer dos tempos, tal como havia intuído com o seu coração e com o seu racionalismo⁹⁷. Como grande observador político, podemos afirmar, soube ser frio e racional e os seus adversários conservadores não souberam, muitas vezes, interpretar o essencial do seu pensamento⁹⁸.

Pode-se dizer que será sempre um pensamento controverso, mesmo depois da sua morte porque não é fácil compreendê-lo, sobretudo no que concerne à sua filosofia teológica. Não sendo teólogo de formação, Donoso Cortés aborda questões teológicas de maneira muito própria, ou seja, usa termos teológicos atribuindo-lhes um significado completamente diverso daquele que lhe é atribuído pela teologia tradicional. Assim

⁹⁴ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 152.

⁹⁵ Cf Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 55-60.

⁹⁶ Em Paris, como embaixador de Espanha, teve sempre uma atenção especial para com os pobres e marginalizados da sociedade parisiense. Chegou mesmo a alimentar famílias inteiras que sem o seu auxílio estavam condenadas à própria sorte.

⁹⁷ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 35.

⁹⁸ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 61-65.

sendo, deixa sempre margem para um debate onde o problema maior pode ser, na nossa opinião, o da linguagem. O objetivo da linguagem é obviamente comunicar, mas, caso esse objetivo não seja alcançado, isso significa que existe uma interferência no processo de comunicação como tal. Por isso, será sempre importante, quando mais adiante falarmos do seu pensamento, ter em conta essa questão linguística para que não haja dificuldade em relação aos termos usados pelo autor, que muitas vezes divergem face ao sentido etimológico de cada termo.

Como toda a biografia, a vida de Donoso Cortés passou por diversas etapas até atingir a maturidade. Esse desenvolvimento humano foi, sem dúvida, acompanhado pelo desenvolvimento do pensamento. Nos primeiros anos da sua atividade académica e, posteriormente, política, encontramos um Donoso Cortés voltado para o liberalismo. Sendo liberal, entrou sempre em discórdia com o regime absolutista, isto é, procurou racionalmente argumentos que demonstrassem a inconsistência de tal regime numa sociedade em transformação. A sua posição em relação ao absolutismo, sendo ele adepto do liberalismo, era a de que havia caído em desuso não sendo aceitável por ser arcaico⁹⁹.

No último capítulo da nossa investigação, teremos oportunidade de ver e analisar mais detalhadamente toda a evolução e estrutura do pensamento de Donoso Cortés, pelo que, aqui, queremos apenas deixar algumas linhas introdutórias, isto é, uma breve síntese daquilo que foi o seu pensamento, e sublinhar a passagem de um pensamento liberal para um pensamento tradicionalista e católico. Para concluir esse ponto, acreditamos que seja importante analisarmos no pensamento de Donoso Cortés o que podemos chamar continuidade e descontinuidade de pensamento.

A continuidade no seu pensamento pode ser vista, tal como nos intelectuais do seu tempo, na sua evolução contraditória, que o fez transitar do liberalismo moderado, ou seja, um liberalismo influenciado pelo doutrinário de origem francesa para a facção tradicionalista¹⁰⁰. Parece contraditório, mas, embora liberal, desde o berço materno, também foi católico desde o berço. O liberalismo combateu radicalmente o catolicismo, ou seja, via na doutrina católica e na sua hierarquia um inimigo a ser aniquilado. Por isso mesmo, dizemos que parece uma contradição que Donoso Cortés fosse católico e liberal ao mesmo tempo. Contudo, não é correto pensar deste modo, visto que entre os liberais estavam também alguns membros do clero, aliás, alguns acusavam o Papa Pio IX de

⁹⁹ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 41-42.

¹⁰⁰ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 41-51.

liberal¹⁰¹. Por outras palavras, havia dentro da igreja muitos simpatizantes do liberalismo. De facto, podemos observar que Donoso Cortés teve sempre presente na sua educação uma dimensão religiosa a qual teve reflexo no seu pensamento.

Olhando para a vida de Donoso Cortés depois da sua conversão¹⁰², podemos encontrar os vestígios de uma descontinuidade no seu pensamento, isto é, o abandono do ecleticismo, do liberalismo e do racionalismo. Ele torna-se um defensor do catolicismo, dos seus princípios e valores contra a fação carlista.¹⁰³

Sem dúvida, quando analisamos o seu pensamento, percebemos que não foi construtor de uma corrente sistemática de pensamento filosófico nem muito menos teológico. Essa descontinuidade sedimenta-se com uma forte influência de autores como Santo Agostinho e dos tradicionalistas franceses no que diz respeito à origem da sociedade e da linguagem.¹⁰⁴

Podemos dizer que nos seus primeiros escritos, aproximadamente entre 1828 e 1837, tratando-se essencialmente de correspondências com amigos e colegas, expressa e manifesta um profundo conhecimento das tendências filosóficas da época, deixando-se influenciar pelo liberalismo otimista. No seu “Discurso de Apertura en el Colegio de Cáceres” proferido em 1829, manifesta de maneira clara o que podemos identificar como ponto de partida dos escritos da primeira fase de Donoso Cortés, onde encontramos o reflexo da sua formação ilustrada. Analisando este discurso, percebemos a sua importância para a compreensão do estudo da trajetória do pensamento do nosso autor.¹⁰⁵ Nesta primeira fase do seu pensamento, encontramos uma oposição entre a revolução e a religião. Ao afirmar o triunfo da revolução e da razão sobre a religião revela-nos claramente a sua posição filosófica de ilustrado liberal. Outra referência importante, para compreender a primeira fase de Donoso Cortés, é, sem dúvida, a sua “Exposición al rey don Fernando VII”. Na referida exposição ao rei Fernando VII, com bastante clareza,

¹⁰¹ O Papa Pio IX introduziu uma série de reformas na igreja. As reformas introduzidas pelo Papa Pio IX foram motivo de descontentamento por parte dos católicos tradicionalistas e alegria para os progressistas. Por isso, foi acusado, pelos tradicionalistas, de Anticristo.

¹⁰² Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 165-180. Esta questão é abordada de maneira implícita por Edmund Schramm.

¹⁰³ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 744. Carta al Eminentísimo Cardeal Fornari.

¹⁰⁴ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 74.

¹⁰⁵ Vicente Llorens, *El Romanticismo español* (Madrid: Castalia, 1989), 209-210.

procura defender Juan José Carrasco e, ao mesmo tempo, manifesta a sua posição de defensor do liberalismo e do racionalismo.

Não é de modo nenhum exagerado afirmar que entre 1847 e 1848, marcado por dois grandes acontecimentos, isto é, a morte do seu irmão e a Revolução Francesa, aconteceu aquilo que alguns estudiosos chamaram de “ponto mais radical no desenvolvimento diacrónico do pensamento de Donoso Cortés”¹⁰⁶. Quando no dia 4 de janeiro de 1849, Donoso Cortés, pronunciava no Congresso o célebre “*Discurso sobre la Dictadura*”¹⁰⁷, manifestava publicamente a sua nova atitude, uma nova visão da política e da realidade sociológica, isto é, uma descontinuidade com o pensamento que até então defendeu. Encontramos no “Discurso sobre la Dictadura” os traços de um Donoso Cortés distinto do anterior, refuta as opiniões que sempre comungou, retifica conceitos que antes havia formulado com rigor e defendido com o coração¹⁰⁸. Neste discurso, onde manifesta a sua filosofia política, não deixa margem de dúvidas, ambiguidades, contradições nem muito menos incompatibilidades no pensamento ao longo da sua explanação. Aqui rejeita categoricamente o fundamental do liberalismo quando afirma que a liberdade terminou, que a luta não está entre a liberdade e a ditadura, mas sim entre a ditadura que vem de baixo e a que vem de cima, entre a ditadura da revolução e a ditadura da autoridade.¹⁰⁹ Esta mudança é fruto da chamada «conversão» que viveu, como já foi antes referido quando falamos da sua vida¹¹⁰.

O Donoso Cortés maduro, católico, inimigo da revolução, é capaz de perceber que por trás de toda questão política existe uma questão teológica. Conquanto alguns duvidassem da sinceridade destas afirmações pelo facto dos escritos terem sido dirigidos ao rei, ele provou através da sua coerência tanto escrita como comportamental que a política nunca pode subsistir sem uma base teológica. Por isso, chega mesmo a afirmar que a revolução é um fenómeno satânico¹¹¹. Por outras palavras, todo e qualquer sistema político que não esteja revestido interiormente por um sistema teológico será sempre uma falacia, uma obra do demónio.

¹⁰⁶ O autor foi até esta data defensor e partidário de uma ideia de modernidade moderada que fundamentava uma evolução progressiva a partir da tradição e da forma político-social.

¹⁰⁷ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 138.

¹⁰⁸ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 140.

¹⁰⁹ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 142.

¹¹⁰ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 143-144.

¹¹¹ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 145-146.

CAPÍTULO 2: A OBRA DE DONOSO CORTÉS

2.1 OBRA DE DONOSO CORTÉS

As poucas informações que temos sobre a infância de Donoso Cortés coincidem no que concerne ao seu empenho nos estudos em muito tenra idade; era tão aplicado que os pais tiveram de colocar um freio ao menino.¹¹² Parece insignificante esta referência, mas de facto não é, uma vez que os alicerces estabelecidos nestes primeiros anos da sua vida foram de extrema importância no desenvolvimento do nosso autor enquanto ser pensante¹¹³. Por outras palavras, as obras de Donoso Cortés são fruto da evolução de um pensamento e de experiências que têm as suas raízes bem atrás, na sua infância, na sua mocidade bem como na idade adulta. Logo nos primeiros anos, por um lado, manifestou um grande interesse pela história, pelo outro, um desprezo pelo conhecimento formal e pelas línguas¹¹⁴. Porém, toda a sua formação académica teve um papel preponderante na sua atividade como jornalista, poeta e pensador.¹¹⁵ Durante a sua formação intelectual, Donoso Cortés foi, certamente, influenciado por algumas figuras do seu tempo. Queremos, apenas a título de exemplo, mencionar a figura de Quintana que o estimulou na sua formação intelectual e humana.¹¹⁶ Para o nosso autor, a sua estadia enquanto estudante em Sevilha, foi de extrema importância, não apenas para o seu desenvolvimento humano, mas também académico, pelo facto de ter sido aqui que ele estabeleceu os primeiros contactos com um grupo de coetâneos amantes da poesia e da filosofia.¹¹⁷ E como não recordar o grande amigo Joaquim Francisco Pacheco, com o seu papel preponderante no desenvolvimento do poeta?¹¹⁸. Foi este contacto com um círculo de amigos que fez com que Donoso Cortés desenvolvesse o seu amor pela literatura e pela oratória e, sobretudo, pela poesia, chegando mesmo a compor um caderno de poesias.

Tivemos acima (1.3) a oportunidade de falar, de maneira concisa, do pensamento de Donoso Cortés. Aí pensamos ter evidenciado que o mesmo não procurou construir um sistema de pensamento, isto é, um tratamento sistemático de ideias previamente estabelecidas. No entanto, como veremos no último capítulo, sem dúvida alguma,

¹¹² Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 30-31.

¹¹³ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol. I, 32.

¹¹⁴ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 20.

¹¹⁵ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 21-23.

¹¹⁶ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 27.

¹¹⁷ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 28-30.

¹¹⁸ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 30.

podemos falar de um pensamento filosófico e político coerente em toda a sua obra, um pensamento desenvolvido a partir das suas próprias convicções teológicas e filosóficas. Isto é, dentro da obra donosiana podemos encontrar o seu pensamento sobre a liberdade, o pecado e as revoluções, posto que sejam apenas pensamentos sem pretensão de serem sistemas filosóficos.

A obra de Donoso Cortés, como lugar da exposição do seu pensamento filosófico, é sobretudo um conjunto de correspondências, discursos, prosa e poesia.¹¹⁹ A sua obra pode ser dividida em dois tempos, isto é, a primeira parte da obra, que corresponde à primeira fase da sua vida e a segunda parte da obra, que corresponde à segunda fase da sua vida, à sua maturidade espiritual, que vem a ser também o ponto da mudança no que concerne ao pensamento político¹²⁰.

Tendo em conta a limitação e a perspetiva temática do nosso trabalho, não podemos aqui apresentar todas as obras ou escritos de Donoso Cortés. Assim sendo, seleccionámos algumas das suas obras para o nosso estudo, tendo como critério de seleção o interesse que despertou em nós cada um desses documentos e a previsível relevância deles para o nosso tema. Na primeira parte vamos analisar algumas das obras da primeira fase da sua vida, nomeadamente “Carta a su padre”¹²¹, “Discurso de apertura en el Colegio de Cáceres”¹²² e “La Religion, La Libertad, La Inteligencia”¹²³. Numa segunda fase, vamos analisar o “Discurso sobre dotación del culto y clero”¹²⁴, “Discurso sobre la restitución de los bienes de la Iglesia”¹²⁵ e “Carta al cardenal Fornari”¹²⁶. Pode parecer redutora esta seleção, mas, para este trabalho, é a solução possível. Feita a seleção, podemos agora passar à análise de cada um deles de maneira discriminada.

A “Carta a su padre”, é uma carta do jovem Donoso Cortés aquando da sua primeira estadia em Madrid, dirigida ao pai por causa do dinheiro que recebia do mesmo

¹¹⁹ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 32. Durante a sua juventude, juntamente com o seu círculo de amigos, Donoso Cortés estreou-se no mundo da poesia. Edmund Schramm, revela ter encontrado um caderno de poesias do autor.

¹²⁰ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 169.

¹²¹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 169.

¹²² Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 182-205.

¹²³ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 487-491.

¹²⁴ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 94-105.

¹²⁵ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 106-120.

¹²⁶ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 744-762.

todos os meses. Essa carta é de 18 de agosto de 1828 e podemos perceber em breves palavras que o nosso autor era um jovem coerente e de princípios:

... em primeiro lugar, estou decidido a permanecer em Madrid e aproveitar quanto puder; em segundo lugar, subsistirei em Madrid com decoro; em terceiro lugar, o senhor não se acha na disposição de retirar do fundo do caudal o suficiente para permanecer com a devida dignidade; em virtude disso, veja a minha resolução: casar-me-ei, por isso, o senhor terá de dar uma quantia seja muito ou pouco. Contudo, o que eu gastar aqui não seja retirado do fundo comum, mas coloque na conta do que me será dado.¹²⁷

Donoso Cortés tinha uma boa relação com os seus pais e com os irmãos; era uma pessoa simples, honrada e fiel aos seus princípios, ligada à família e aos seus valores. Por conseguinte, na carta supracitada, dirigida ao pai, ele procura esclarecer que a vida em Madrid, onde pretende permanecer com decoro, é de um teor muito mais elevado e custoso que no interior, pelo que deve receber uma mesada maior. Em breves linhas, deixa entrever a sua honestidade, a sua coerência e a sua capacidade de expor o que pensa e sente, sem, contudo, deixar de ser submisso ao seu pai. Demonstra que carrega dentro de si o sentido de responsabilidade ao afirmar: «...não somente quero que se ponham na minha conta os gastos das minhas diversões, mas também os da minha subsistência. Não quero que em momento algum se diga que fui um peso para os meus pais nem para os meus irmãos...». ¹²⁸

O jovem Donoso Cortés não é alguém que se aproveita dos outros em benefício próprio, pelo contrário, como vemos, é tão responsável que prefere mesmo ser ele o prejudicado e, deste modo, manter o seu nome honrado; tem necessidades e, ainda assim, procura ser justo na atitude que toma em relação aos demais.

O “Discurso de abertura en el Colegio de Cáceres”¹²⁹, na opinião de Carlos Valverde, é um dos documentos mais importantes para o estudo do pensamento de Donoso Cortés na primeira fase da sua vida, antes da sua conversão e mudança ideológica. Acredita e defende a ideia de progresso como algo evidente que predomina sobre todas as coisas; e a sua ideia de história é tão fatalista que não é capaz de ver o bem em nenhuma das revoluções que se realizaram ao longo de toda história; por último, parece oportuno

¹²⁷ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 169.

¹²⁸ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 170.

¹²⁹ Segundo Valverde Carlos e Edmund Schramm, o discurso de abertura no colégio de Cáceres terá sido proferido em outubro de 1829. Rino Cammilleri, nada fala sobre a data em que Donoso Cortés proferiu o célebre discurso em Cáceres.

sublinhar que era um romântico. Tendo assumido a cátedra de Estética, no lugar de Quintana, recebeu o encargo de fazer o discurso de abertura do ano acadêmico¹³⁰. Rino Cammilleri, na sua obra “Juan Donoso Cortés, il padre del sillabo”, afirma que este discurso é um compêndio da ideologia do primeiro Donoso Cortés, muito confuso e contraditório¹³¹. Devido à limitação do nosso trabalho não é possível citar todo o discurso, mas citamos aqui um excerto do mesmo:

Quando o feudalismo se estabeleceu pela Europa, estendeu-se por toda a parte a desolação e a miséria; os campos deixaram de produzir, rejeitando os seus frutos a mãos mercenárias, apresentando o espetáculo da aridez e a tristeza do escravo sem sorte¹³².
(tr. nossa.)

O texto citado mostra-nos um Donoso Cortés racionalista, procurando enaltecer a razão e condenando veemente o feudalismo; na sua perspectiva, o feudalismo, com a sua expansão, disseminou por onde passou os seus males, isto é, a desolação e a fome. Por outras palavras, o autor, fazendo uma releitura da história bem como da sua evolução, demonstra, categoricamente, que o feudalismo nada trouxe de bom para os países Europeus, antes pelo contrário semeou apenas a miséria institucionalizada.¹³³

“La Religion, La Libertad, La Inteligencia”¹³⁴ é o título do artigo de Donoso Cortés, publicado no jornal “*El Porvenir*” de 13 de junho de 1837. Existia, no seu coração, uma preocupação pela dimensão religiosa, mas neste período da sua vida o fenómeno religioso não era o fundamento do pensamento filosófico. Donoso Cortés afirma:

O homem é por natureza religioso, inteligente e livre. Quando estes três caracteres que constituem a sua natureza se desenvolvem em harmonia no seu seio, o homem alcança o seu maior grau de perfeição e de graça. Quando estes três elementos não se desenvolvem em harmonia, uma perturbação febril o aflige e um mal-estar indefinível o atormenta.¹³⁵

Uma leitura atenta do parágrafo citado deixa perceber que na perspectiva de Donoso Cortés, há um nexos natural entre inteligência e religião. Contudo, é importante

¹³⁰ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 171.

¹³¹ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 22.

¹³² Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 192.

¹³³ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 193-205.

¹³⁴ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 487.

¹³⁵ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 487.

que estas três dimensões cresçam juntas e harmoniosamente. Caso isso não aconteça, cria-se no homem um desequilíbrio psicossomático. Quando fala da dimensão religiosa neste artigo, Cortés apresenta-nos Jesus como modelo do homem perfeito, ou seja, o ponto mais alto da perfeição humana. É uma visão que não corresponde a uma plena visão uma vez que Cristo é apresentado apenas como homem e exemplo para a humanidade, enquanto que para o cristianismo é verdadeiramente Homem e verdadeiramente Deus¹³⁶.

O “Discurso sobre dotación del culto y clero”¹³⁷ apresenta o rosto de um Donoso Cortés mais maduro. O clero e as ordens religiosas viram os seus bens confiscados e, por isso, deixaram de possuir a habitual fonte de rendimento, mas o Estado comprometeu-se a prover às necessidades da Igreja, bem como do clero. De facto, em 1845, o governo assumiu a responsabilidade de fazer face às despesas da Igreja e do clero tal como previa a nova Constituição Espanhola. Indignado com a situação da Igreja e do clero em Espanha, isto é, devido à confiscação dos bens da Igreja por parte do Estado, Donoso Cortés, no dia 15 de janeiro de 1845, proclama o seu célebre discurso onde procurou defender os interesses da Igreja e do clero¹³⁸. Na sua perspetiva, portanto, a “dotação” da Igreja e do clero não devia oscilar consoante a mudança dos diferentes governos, mas devia ser algo estável e dando a devida Independência à mesma.¹³⁹

Discurso sobre “la restitución de los bienes de la Iglesia”, Donoso Cortés, tal como no discurso sobre a dotação do clero, procurou encontrar, através do seu discurso, um caminho viável para que o Estado restituísse os bens que havia confiscado à Igreja Católica. Foi no dia 14 de março que Donoso Cortés apresentou a sua tese sobre esta questão tão delicada. Começa por apresentar a visão dos revolucionários, que defendiam a tese de que a Igreja não era verdadeiramente proprietária dos referidos bens porque Ela os adquiriu devido à sua força e debilidade dos povos. Por isso, agora é lícito confiscá-los. Quanto aos reacionários, defendem exatamente o oposto dos revolucionários, ou seja, a Igreja era uma proprietária legítima de todos os bens que lhe foram confiscados. Por último, os imparciais que defendem a ideia de que, dos bens confiscados à Igreja, é importante que o Estado devolvesse os que fosse possível.¹⁴⁰

¹³⁶ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 488.

¹³⁷ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 95.

¹³⁸ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 97.

¹³⁹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 105.

¹⁴⁰ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 111.

Entre os erros contemporâneos não há nenhum que não se resolva numa heresia; e entre as heresias contemporâneas não há nenhuma que não se resolva em outra já condenada pela Igreja. Nos erros passados, a Igreja Católica condenou os erros do presente e do futuro. Desde o ponto de vista da natureza e da origem as heresias são iguais entre si, mas do ponto de vista das aplicações oferecem uma variedade portentosa.¹⁴¹

Esta carta de Donoso Cortés dirigida ao Cardeal Fornari, foi escrita em Paris, onde o mesmo residia, no dia 19 de junho de 1852¹⁴². Podemos notar uma certa maturidade na linguagem e no conteúdo da carta. A mesma pode ser vista como uma síntese da sua obra prima, o Ensaio, e ao mesmo tempo como o ápice do seu pensamento. Claro no conteúdo, ambíguo nas palavras, deixa aqui uma crítica ao liberalismo bem como ao socialismo, como já tivemos oportunidade de ver no capítulo precedente¹⁴³. Por outras palavras, Donoso Cortés reafirma aquilo que deve ser a postura da Igreja diante de certas ideologias consideradas como nocivas não apenas à Igreja, mas sim a toda sociedade.

2.2 ENSAIO SOBRE O CATOLICISMO, O LIBERALISMO E O SOCIALISMO

No dia 22 de junho de 1851, Donoso Cortés comunica, desde Paris, ao Conde Raczynski¹⁴⁴ que se tinha publicado o seu “*Ensaio sobre o catolicismo, o liberalismo e o socialismo*”. O Ensaio é, sem dúvida alguma, a obra prima do nosso autor. E como era de esperar, a mesma obra foi acolhida de uma maneira negativa entre os liberais de Madrid, enquanto em França ela foi acolhida com grande reconhecimento e elevada estima¹⁴⁵.

Inicialmente Donoso Cortés quis compilar uma obra de três volumes, onde colocaria por escrito o cerne do seu pensamento. Porém, quando o seu amigo Veuillot tomou conhecimento da intenção do mesmo, persuadiu-o a que a reduzisse a apenas um

¹⁴¹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 744.

¹⁴² Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 748.

¹⁴³ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 750.

¹⁴⁴ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 914-970.

¹⁴⁵ Cf Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 237. Vale a pena salientar que as duas edições do Ensaio, na língua francesa preparada por Veuillot e na língua castelhana, foram publicadas na mesma altura, em contextos diferentes, por isso, percebemos a não homogeneidade das opiniões acerca da obra de Donoso Cortés.

volume e a publicasse na *Bibliothèque Nouvelle*, por ele dirigida.¹⁴⁶ Por outras palavras, foi devido à brevidade do tempo, e também à exigência da casa editora, que Donoso Cortés não pôde escrever os três volumes que inicialmente pensava compor, mas apenas uma obra de volume único dividida em três partes. Mas é importante salientar que a obra não foi composta a pedido de Louis Veuillot para a *Bibliothèque Nouvelle*. Encontrando-se Donoso Cortés em Don Benito, na primeira semana de março de 1850, escreveu uma carta a Louis Veuillot dizendo que depois da Semana Santa começaria a trabalhar no livro que seria a síntese de todo o seu pensamento.¹⁴⁷

Tomando o *Ensaio* nas mãos, percebemos que se trata de um verdadeiro testemunho de Donoso Cortés que, vivendo numa sociedade mergulhada numa crise de valores, pretendia com o seu pensamento ser uma luz para os homens do seu tempo. A obra tem um carácter de combate contra o pensamento do mundo, um livro eminentemente polémico. Não é um tratado de teologia, nem de filosofia, nem de história e muito menos de teoria do estado, mas sim uma reflexão sistemática que tem como ponto de partida a relação que o autor tem com Deus. Por outras palavras, a fé está presente de maneira eloquente em todo o seu pensamento, aliás, mesmo antes da sua conversão, encontramos Deus no seu discurso, embora não na perspectiva de crente.

Quanto à interpretação do *Ensaio*, Edmund Schramm considera anacrónica e falsa toda a interpretação desvinculada do tempo e do contexto histórico em que a obra foi redigida¹⁴⁸. Donoso Cortés tinha a perfeita consciência de que não era um teólogo, por isso, em 1850, enviou o *Ensaio* a Veuillot para que Melchior Du Lac, monge beneditino, fizesse a revisão da obra seguindo um método teológico.¹⁴⁹ Após esta revisão, Donoso Cortés seguiu pontualmente as indicações e, em março de 1851, reenviou-o a Veuillot, tendo sido publicado três meses depois em Madrid e Paris.¹⁵⁰ Essa atitude de Donoso Cortés revela a sua humildade e, sobretudo, a sua honestidade intelectual, ou seja, não sendo teólogo sabe reconhecer a sua limitação e necessidade de uma revisão da obra por alguém competente na temática abordada no *Ensaio*.

¹⁴⁶ Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 238.

¹⁴⁷ Suárez, *Vida y Obra de Juan Donoso Cortés*, 855.

¹⁴⁸ Anacronismo é sempre a tendência de se ler um texto ou um acontecimento fora do seu contexto. Podemos dizer que para uma leitura correta é sempre importante perceber o ambiente vital e a sucessão dos acontecimentos, pelo contrário o texto será apenas uma traição e não transmissão do que realmente aconteceu.

¹⁴⁹ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 108.

¹⁵⁰ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 470-475.

A visão de Donoso Cortés no Ensaio é que o socialismo é uma corrente ateia porque não alcança a compreensão do que seja este Deus dos liberais que não manifesta qualquer preocupação com a sua criação, por isso, na opinião dos socialistas é mais fácil dizer que não existe (Deus não existe). Uma vez negada a existência de Deus, consequentemente, chega-se à negação direta de toda e qualquer autoridade. Por outro lado, o liberalismo, tendo origem no socialismo, limita-se a transformar as formas políticas, enquanto que o socialismo tem como fundamento, na opinião de Donoso Cortés, a transformação radical da sociedade, passando da anarquia individualista a um panteísmo religioso, político e social. Contudo, o último passo é realizado pelo comunismo, que encerra em si mesmo uma realidade absoluta despótica, ou seja, realizar-se-á através da perda de todas as liberdades em favor do Estado. Analisando todo este processo ideológico, percebemos que a razão de todo este alvoroço encontra-se no abandono dos princípios cristãos por parte da humanidade.¹⁵¹

Embora a obra seja intitulada “Ensaio sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo”, dividida em três partes, analisando-a, percebemos que, exceto o primeiro tema (sobre o catolicismo), o segundo e o terceiro livro da obra têm um título que não corresponde ao título do Ensaio.¹⁵²

Donoso Cortés, como um verdadeiro cicerone, revela ao leitor, ao longo das páginas do Ensaio, a ideia fundamental de toda a sua obra e, decerto, do seu pensamento. Na nossa perspetiva, corroborada por Rino Cammilleri, a ideia fundamental do Ensaio consiste em tomar consciência de que existe uma ordem universal e necessária. O fundamento e a razão desta ordem é Deus, causa primeira e fim último de todas as coisas. Como Deus é uno e múltiplo, assim também a criação, feita à imagem de Deus, é una e múltipla. Podemos dizer que este conceito é condensado na palavra universo. Assim como na Santíssima Trindade o Filho procede do Pai e o Espírito procede de ambos, na ordem

¹⁵¹ A história do ocidente não pode ser compreendida sem a história do cristianismo porque com o grande imperador Constantino no ano 313 d. C deu-se uma união com um carácter quase indissolúvel. O cristianismo tornou-se a religião do Império Romano e a Igreja Católica passou de perseguida a religião do Imperador. No mundo Ocidental o cristianismo deu um grande contributo em todas as áreas do saber como na arquitetura, música, agricultura, medicina e na ciência, etc. por isso, Donoso Cortés considera um sacrilégio a revolução realizada pelo comunismo, socialismo e liberalismo.

¹⁵² Cf. Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*. Os três livros que compõem o ensaio têm como título: Libro primeiro: Cuestiones generales de Teología Católica, Libro segundo: Problemas y soluciones relativos al orden general, Libro terceiro: Problemas y soluciones relativos al orden en la humanidad.

da criação, Eva procede de Adão e Abel é gerado por ambos. A célula da sociedade é, portanto, a família. O cristianismo eximiu a família da tirania pagã e revestiu-a de amor¹⁵³.

O Ensaio reflete a inquietação de Donoso Cortés perante as revoluções sociais que surgiam em toda a Europa, motivadas pela transformação política levada a cabo pelo liberalismo. O autor colocava em oposição os princípios religiosos e morais aos interesses materiais, fundamentando de maneira simples e concreta a mais elevada política teológica. Para ele, a motivação imediata do seu diálogo com a teologia está contida nas primeiras palavras do Ensaio (em todas as questões políticas tropeçamos sempre com a teologia) e responde, em parte, à sua própria vontade de discutir com o socialismo francês. Dentro do seu discurso, a obra apresenta como pilares argumentativos a tríade “Deus, História e Razão”.

Na primeira parte do Ensaio, Donoso Cortés aborda a realidade da teologia política, afirmando que “em toda a grande questão política, está envolvida sempre uma grande questão teológica”. Por outras palavras, podemos dizer que a política e as suas grandes questões são subordinadas à teologia. Por isso, em todas as questões políticas, inclusive as mais relevantes, é impossível não contar com a presença da teologia. Segundo ele, a teologia, sendo uma ciência sobre Deus, é o Oceano que contém e abarca todas as ciências, do mesmo modo como Deus é o Oceano que contém e abarca todas as coisas¹⁵⁴. Todo o primeiro livro do Ensaio, podemos dizer, é um elogio ao catolicismo e ao seu contributo na história da humanidade. Segundo o Ensaio, sem a religião cristã a humanidade continuaria perdida, ou seja, sem rumo nem orientação. Conquanto fizesse tais afirmações, Donoso Cortés nunca negou que existe a capacidade natural da razão para conhecer a Deus e as verdades naturais¹⁵⁵. Na sua perspetiva, apoiada na Tradição da Igreja e no seu Magistério, o homem criado à imagem e semelhança de Deus possui a capacidade de conhecer Deus e a verdade pelo facto de serem duas realidades constitutivas do ser humano. Antes mesmo de passar para o próximo ponto, achamos importante realçar que na base de toda a conceção cristã de Donoso Cortés, está o conceito de ordem. Por isso, afirma que a ordem no homem e nas sociedades nasce com o catolicismo¹⁵⁶.

¹⁵³ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 109.

¹⁵⁴ Cf. Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 1-67.

¹⁵⁵ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999).

¹⁵⁶ Cf. Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 14-22.

Embora não fosse o nosso autor um teólogo¹⁵⁷, contudo, vemos que conhecia, ainda que de maneira superficial, a doutrina de São Tomás de Aquino sobre as questões abordadas na segunda parte da obra. Esta segunda parte do Ensaio aborda a filosofia política, tendo em conta os problemas e soluções relativos à ordem geral, ao livre arbítrio do homem, ao que ele denomina como “maniqueísmo Proudhoniano”,¹⁵⁸ a harmonia necessária entre Deus e o homem, as soluções da Escola Liberal relativas a estes problemas e as soluções socialistas¹⁵⁹. Quanto ao livre arbítrio vale a pena realçar que Donoso Cortés apresenta, influenciado pela tradição da filosofia católica conservadora, a sua definição: “O livre arbítrio não consiste, como geralmente se pensa, na faculdade de escolher o bem e o mal, que o solicitam com dois pedidos opostos. Se o livre arbítrio consistisse nessa faculdade, seguir-se-iam dela forçosamente as seguintes consequências, uma relativa ao homem e outra relativa a Deus, que são evidentemente absurdas”¹⁶⁰. Donoso Cortés, com esta visão, combateu categoricamente aqueles que defendiam a noção de livre arbítrio como a possibilidade de escolher entre o bem e o mal. Segundo o autor, existe uma tensão entre a Providência divina e a liberdade do homem. E é precisamente a combinação entre ambas que enriquece a humanidade.

Por último, a terceira parte do Ensaio desenvolve a sua doutrina à volta dos problemas e soluções relativas à ordem na humanidade (transmissão da culpa, dogma da imputação, dogma da solidariedade, contradições da escola liberal e da socialista, as teorias das escolas racionalistas sobre a pena de morte) assinalando, a modo de recapitulação, a “ineficácia de todas as soluções propostas”, e a necessidade de uma solução mais alta. Neste último livro do Ensaio ocupa um lugar importante a culpa original, embora mais do que por si mesma, pelos seus efeitos na natureza de quem a contraiu e pelas consequências nos seus descendentes, ou seja, em todos os homens do passado, do presente e do futuro. O pecado original feriu a natureza humana, não somente

¹⁵⁷ Quando lemos os textos de Donoso Cortés, como aqueles tratados neste trabalho, nem sempre é fácil concluir se tratamos com um texto filosófico ou um texto teológico. Contudo, quanto ao método e explanação o autor é bastante claro.

¹⁵⁸ Cf. Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 91-92. Todo o sistema maniqueísta está fundado sobre um dualismo e esse dualismo supõe um antagonismo. Qualquer sistema maniqueísta explica esse antagonismo, mas não explica a vitória definitiva de um sobre o outro. O maniqueísmo proudhiano consiste em chamar bem ao mal e mal ao bem.

¹⁵⁹ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 69-141.

¹⁶⁰ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 71-72. A consequência relativa ao homem consiste em que seria menos livre quanto mais perfeito fosse. A consequência relativa a Deus consiste em que não havendo em Deus solicitações contrárias carece de todo o ponto de liberdade, se a liberdade consiste na total faculdade de escolher entre solicitações contrárias.

fazendo-o perder os privilégios com que Deus o havia criado, mas tornando imperfeita a sua natureza.

Como já foi antes dito por nós, o Ensaio não teve somente elogios, mas contou também com duras críticas, seja no âmbito eclesial católico que no âmbito político. Sendo importante racionar as palavras, fazemos apenas referência da polémica com o reverendíssimo padre Gaduel, então vigário geral da diocese de Orleães, sendo bispo dom Dupanloup¹⁶¹. Em 1852, o referido padre publicou alguns artigos, no jornal *Os amigos da religião*, onde comentou os consideráveis erros contra os dogmas cristãos contidos no Ensaio.

Na carta endereçada à *L'Univers*, de 22 de janeiro de 1853, Donoso Cortés confessa ter tomado conhecimento dos artigos publicados contra o Ensaio e que, devido às suas ocupações não pôde lê-los, mas também não pretendia envolver-se em polémicas teológicas: “...Por outro lado, não pretendo entrar em polémicas com ninguém e muito menos com alguém conhecido”.¹⁶² Com efeito, na sua carta a Gaduel, lamentou-se pelo facto de o prelado o ter criticado publicamente e não pessoalmente: “Teria lido com muito prazer a sua carta, se, em vez de se dirigir ao público, se dirigisse a mim”.

As palavras de Donoso Cortés são simples, sinceras e profundas, isto é, não pretende entrar em polémicas com ninguém, mas apenas quer corrigir os erros propagados pelo liberalismo, pelo socialismo e pelo comunismo; quer apresentar a reta doutrina da Igreja num mundo mergulhado no caos e na mediocridade. Pode-se dizer que o Ensaio foi uma obra profética para o seu tempo e que o seu eco ressoa até hoje no pensamento de muitos católicos.

2.3 DISCURSOS (SOBRE A DITADURA, SOBRE A EUROPA, SOBRE ESPANHA)

Propomo-nos de seguida refletir, ainda que de uma maneira concisa, sobre os três grandes discursos de Donoso Cortés. Quando analisamos os seus escritos percebemos que o autor proferiu vários discursos ao longo da sua curta e profícua vida, contudo

¹⁶¹ O bispo de Orleães, dom Dupanloup, era um acérrimo adversário de Louis Veuillot e de *L'Univers* por questões teológicas. Dupanloup era um católico liberal em oposição à facção mais tradicionalista da Igreja, a que pertencia Veuillot

¹⁶² Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 970.

analisaremos apenas os três seguintes discursos, o “Discurso sobre a Ditadura”, o “Discurso sobre Europa” e o “Discurso sobre Espanha”, considerados por nós e por alguns estudiosos de Donoso Cortés como sendo os mais importantes dentro da sua vasta obra ¹⁶³. O Discurso sobre a Ditadura proferido por Donoso Cortés é, sem dúvida alguma, o primeiro da sua nova conduta, ou seja, a primeira consequência dos princípios agora professados ¹⁶⁴. A Europa estava mergulhada no mar das revoluções e, como é lógico, tudo isso impressionara bastante o nosso autor, que a partir da sua experiência de conversão começou a refletir influenciado pelo pensamento teológico cristão. No início de 1849, os progressistas atacaram violentamente o governo do general Narváez por ter reprimido com força e autoritarismo as tentativas de revolução perpetradas em diferentes pontos do país. Para além disso, os progressistas acharam intolerável que o Parlamento tivesse dado pleno poder ao general Narváez para manter a paz. Como consequência desta situação, no dia 3 de janeiro, pronunciou Cortina, chefe da oposição progressista, um discurso no Parlamento. No dia seguinte, 4 de janeiro, levantou-se Donoso Cortés respondendo com o célebre “Discurso sobre a Ditadura” ¹⁶⁵, que levou o orador ao primeiro plano da política nacional espanhola e também no plano europeu. O “Discurso sobre a Ditadura” é, na opinião de Carlos Valverde, a mais célebre e estudada obra do nosso autor ¹⁶⁶. Com esta obra manifesta a maturidade do seu pensamento, a confiança em si mesmo e no caminho que como cristão pretende trilhar; a sinceridade e a coragem em aceitar as ideias católicas com todas as suas consequências e, sobretudo, em professá-las publicamente. Podemos ainda acrescentar que conseguiu, depois de muitos anos de estudo e investigação, um domínio muito profundo da mentalidade europeia bem como do liberalismo que a dominava.

Embora o discurso ficasse conhecido como “O Discurso sobre a Ditadura” ¹⁶⁷, não é a ditadura que ele defende, motivo pelo qual afirma Federico Suarez: «O título inapropriado que se deu ao discurso fez com que se criasse uma falsa imagem de Donoso Cortés». ¹⁶⁸ Por outras palavras, podemos afirmar que Donoso Cortés defende a ditadura como remédio necessário para salvar a sociedade do caos em que se encontrava: «Digo, Senhores, que a ditadura em certas circunstâncias, como a presente, é um governo

¹⁶³ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 138.

¹⁶⁴ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 138.

¹⁶⁵ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 305-323.

¹⁶⁶ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 305.

¹⁶⁷ Federico Suárez, *Vida y Obra de Juan Donoso Cortés* (Pamplona: Eunote, 1997), 654.

¹⁶⁸ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 138.

legítimo, é um governo bom, é um governo proveitoso, como outro qualquer; é um governo racional, que pode defender-se em teoria como pode defender-se na prática».¹⁶⁹ Neste discurso, Donoso Cortés refuta o principal pilar do liberalismo, tudo pela e para liberdade, ao afirmar que a liberdade terminou, que a luta não está entre a liberdade e a ditadura, mas sim entre a ditadura que provém de baixo e a que provém do alto, entre a ditadura da revolução e a ditadura da autoridade.

O verdadeiro problema não estava para Donoso Cortés em escolher entre liberdade e ditadura, mas na compreensão e aplicabilidade das leis e da sua legitimidade na sociedade. Por outras palavras, se as leis não eram respeitadas, se a legalidade era incapaz de levantar uma barreira à revolução, se era insuficiente e não chegava para defender a sociedade, então é necessário recorrer à ditadura. Podemos dizer que no discurso o autor demonstrou que as situações vividas em Espanha fizeram com que a ditadura fosse necessária. O autor começa a revelar-se neste discurso, e a propósito da afirmação supracitada, como cheio de uma enorme clarividência no que diz respeito à direção para onde caminha o mundo. Sem entrar em profundidade no tema, queremos apenas realçar que o Discurso sobre a Ditadura teve um grande eco em toda Europa, foi traduzido em várias línguas, publicado e comentado em vários jornais do seu tempo. A este propósito, vale a pena fazer referência à correspondência epistolar com Montalembert, em que Donoso Cortés contrapõe de maneira evidente a civilização católica à civilização filosófica.¹⁷⁰ A primeira, na sua perspetiva, ensina que a natureza do homem está enferma e caída e, portanto, o entendimento humano não é capaz de atingir a verdade se não lhe é revelada. Enquanto que a civilização filosófica ensina, pelo contrário, que o homem é essencialmente bom por natureza, o seu entendimento pode ver a verdade, descobri-la ou inventá-la. Por isso, Donoso Cortés conclui que a pedra de tropeço entre o catolicismo e as doutrinas mundanas é o pecado original, defendido por um e refutado por outro.¹⁷¹

O Discurso sobre a situação geral da Europa foi proferido por Donoso Cortés no dia 30 de janeiro de 1850¹⁷² e nasce da discussão do projeto de autorização ao governo para aumentar o orçamento.¹⁷³ A habilidade de Donoso Cortés consistia, como

¹⁶⁹ Suárez, *Vida y Obra de Juan Donoso Cortés*, 306.

¹⁷⁰ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 324-330.

¹⁷¹ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 325.

¹⁷² Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 450-466.

¹⁷³ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 160.

habitualmente, em colocar as questões no seu verdadeiro lugar. Os parlamentários discutem uma questão económica, mas ele consegue pedagogicamente levá-los a perceber que as questões económicas não são por natureza as mais importantes.¹⁷⁴ Com isso, não queria ele dizer que as questões económicas não fossem relevantes ou que não era importante para os governos darem atenção a tais assuntos. Mas, consequentemente, Donoso Cortés identifica três erros presentes em toda a discussão:

A verdadeira questão, politicamente considerada, é a questão económica. Assim considerada, tenho de combater três gravíssimos erros em que incorrem todos os partidos: a oposição progressista, a oposição conservadora, o ministério e até certo ponto a opinião pública. Eu, senhores, que ataco o erro aí onde o encontro, atacarei onde o encontrei. Vede aqui os três erros que caraterizo e combato...¹⁷⁵

O primeiro consiste, segundo Donoso, em considerar que as questões económicas são por si as mais importantes. O segundo erro, sendo consequência do primeiro, consiste em pensar que chegou o tempo de Espanha dar a devida importância que estas questões económicas merecem. O terceiro e último erro consiste em sustentar que as reformas económicas são coisas não somente possíveis, mas fáceis, no que está patente uma falta de honestidade intelectual. «Nestes três erros incorreram todos os partidos, por isso, levantei-me aqui unicamente para combater a todos os que defendem posições irrefletidas.»¹⁷⁶

É precisamente neste grande discurso sobre a Europa que Donoso Cortés começa a demonstrar um cansaço pela constante luta política por ele travada durante anos. Mas agora, uma maior maturidade espiritual faz dele um homem convicto dos seus ideais e valores. Inconformado com a situação vivida dentro e fora do seu país, é capaz de alargar o seu olhar para Europa procurando curar os males em que está mergulhada.

No dia 30 de dezembro de 1850, proferiu Donoso Cortés o seu último discurso da grande trilogia.¹⁷⁷ O discurso é uma continuação e conclusão do Discurso sobre a Europa¹⁷⁸. Por outras palavras, podemos dizer que o discurso é uma crítica ao liberalismo, segundo ele, uma ideologia frágil por causa do empirismo e do pragmatismo sobre o qual se apoia. Donoso Cortés vai ao parlamento para atacar, condenar a corrupção, o

¹⁷⁴ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 90.

¹⁷⁵ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 453.

¹⁷⁶ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 453.

¹⁷⁷ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.II, 479.

¹⁷⁸ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 100.

favoritismo e a ambição. O grande problema da sociedade espanhola, na sua perspectiva, sem dúvida alguma, é a corrupção que dilacera a sociedade¹⁷⁹. Por isso, assumindo uma posição tão radical, vê-se obrigado a cortar os laços com o seu partido pelo posicionamento:

O socialismo deve a sua existência a um problema insolúvel, humanamente falando. Ele cansa-se por descobrir qual seja o meio para guiar na sociedade a distribuição mais equitativa das riquezas; é este o problema que nenhum sistema económico pôde resolver. O sistema dos economistas políticos terminará com o monopólio por meio das restrições; o sistema dos economistas liberais terminará no monopólio pela via da liberdade e da livre concorrência, que produz fatalmente e inevitavelmente este monopólio. Finalmente, também o sistema dos comunistas terminará com o monopólio mediante a confiscação universal e com o depósito da riqueza pública nas mãos do estado.¹⁸⁰

Donoso Cortés encontra a solução para este problema, calcanhar de Aquiles para todos os sistemas políticos, com a resposta dada pelo catolicismo através das instituições de caridade espalhadas pelo mundo inteiro, difundindo entre os ricos o espírito de caridade e, deste modo, combatendo a avareza, a exploração e a usura¹⁸¹. Contudo, não é sua pretensão fomentar uma utopia da erradicação completa da pobreza, é apenas procurar criar as condições necessárias para que o ser humano viva com dignidade, mas não com a violência que por sua vez só gera violência. Por isso, conclui, as diferentes classes sociais devem estar em harmonia.¹⁸²

Sendo este o quadro da sociedade espanhola, Donoso Cortés lamenta-se dizendo: «Nos dias de hoje, as coisas junto de nós chegaram a tal ponto que a sociedade, unida para uma revolta em uma sacra união, encontra-se dividida em duas classes, que se podem chamar a sociedade dos vencedores e a dos vencidos».¹⁸³

O discurso não é uma crítica pela crítica, mas sim o ponto mais alto do pensamento e da maturidade de Donoso Cortés. Norteia-o a prioridade do bem comum

¹⁷⁹ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 101.

¹⁸⁰ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 102.

¹⁸¹ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 103.

¹⁸² A doutrina social da Igreja Católica é clara no que se refere ao empenho do cristão no mundo como continuador do projeto da criação. O cristão, seguindo o ensinamento de Jesus, deve ver a pobreza como fruto do egoísmo humano que por sua vez é fruto do pecado original. Assim sendo, para instalar o Reino de Deus, aqui e agora, o cristão deve realizar as obras de misericórdia corporal e espiritual.

¹⁸³ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 104.

como critério de organização de todos os setores sociais. Aqui percebemos a transformação que ele viveu; percebemos como o homem liberal que era passou ao extremo oposto. Mas podemos dizer que, não sendo um alienado religioso, tinha os pés assentes na terra e o coração bem unido ao seu Deus.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 105.

CAPÍTULO 3 RELIGIÃO E LIBERDADE NA SUA FILOSOFIA POLÍTICA

3.1 CONCEITO DE RELIGIÃO

Podemos dizer que a religião é uma das dimensões mais importantes, senão a mais importante, da pessoa humana e uma das que distingue melhor os humanos dos animais enquanto acaba por ter um papel preponderante em todas as dimensões da vida humana. Usando uma analogia para melhor compreendermos o significado e a importância da religião na vida do ser humano, podemos dizer que a religião é o pulmão do Homem.

Na nossa perspectiva, a religião é uma dimensão “constitutiva” do ser humano. Por isso, ela faz parte da história da humanidade. Queremos com isso dizer que um profundo olhar sobre a história universal coloca em evidência essa dimensão tão intrínseca ao homem de todos os tempos e culturas. Por outro lado, temos plena consciência de que cada época vive a sua experiência religiosa de maneira diferente, ou seja, a religião tende a ser uma realidade dinâmica e nunca estática; a religião passa por processos de transformação. Primeiro, o processo de transformação deve-se ao facto de que a religião depende de cada contexto histórico, o que causa grande variedade e alternância de prática e manifestações do fenómeno. Em segundo lugar, tais processos de transformação vividos pela religião tendem a transformar a maneira como ela é vivida e interpretada pelos homens.

Podemos apresentar uma definição descritiva de religião partindo da visão de Mariasusai Dhavamony quando afirma que a palavra religião, etimologicamente, segundo Cícero, vem de *religere* que significa estar atento, refletir e observar, manter unido, em contraste com *negligere*. Por outras palavras, a religião quer significar o cumprimento consciente do dever ou então um temor reverente em relação a um ser superior.¹⁸⁵

Segundo Rémi Brague¹⁸⁶, na sua obra intitulada *Sobre a Religião*¹⁸⁷, para os Romanos, que tinham, recorde-se, o latim como língua materna, a etimologia do termo já

¹⁸⁵ Rene Latourelle e Rino Fisichella, *Dicionário de Teologia Fundamental*, trad. Luiz João Baraúna (São Paulo: Editora Vozes, 1994).

¹⁸⁶ Rémi Brague é um filósofo especialista em filosofia medieval árabe, judaica e cristã, professor emérito de filosofia da Universidade Paris I Panthéon-Sorbonne e da Universidade de Munique Ludwig-Maximilians. Desde 2009 é membro da Académie des Sciences Morales et Politiques e da Academia Católica da França.

¹⁸⁷ Rémi Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, trad. Maria José Figueiredo (Cascais: Princípio Editora, 2019).

era alvo de controvérsia. A única derivação cientificamente segura é a que parte do verbo *religere*, que significa, como já foi dito antes, reler com cuidado escrupuloso. Já era essa a explicação de Lucílio, que num diálogo de Cícero, tem o cuidado de distinguir religião de superstição, afirmando que são religiosos aqueles que cumprem com zelo o que diz respeito ao culto dos deuses.¹⁸⁸

Na opinião de David Hume, a religião primária dos seres humanos resulta sobretudo de um ansioso receio dos acontecimentos futuros, e pode-se imaginar com facilidade que ideias alimentarão naturalmente os homens acerca dos poderes invisíveis e desconhecidos enquanto têm quaisquer apreensões sombrias.¹⁸⁹

Uma outra definição de religião, segundo Mariasusai Dhavamony, podemos encontrá-la em Lactâncio, quando afirma que o termo religião provém do latim *religare*, uma forma intensiva de *ligare*, ou seja, é a capacidade de estabelecer uma relação íntima e duradoura com um ser divino. Por outras palavras, o homem está ligado à divindade pelo vínculo da religiosidade¹⁹⁰. Também Rémi Brague apresenta a etimologia da palavra partindo de *religare*. Com efeito, se a ideia de ligação estava presente na raiz da palavra, seria preferível ver nela uma ligação inteiramente material. Nesta perspetiva, a religião tem em si mesma uma dimensão interior e ao mesmo tempo sentimental. Embora existam dúvidas em relação à atribuição destas fontes aos referidos autores, Santo Agostinho adotou a segunda definição de religião aqui apresentada¹⁹¹. Alias, a visão de Santo Agostinho teve uma grande repercussão teológica ao longo de toda a Idade Média. Contudo, ambos os significados podem ser perfeitamente integrados na dupla dimensão da religião. Por um lado, a dimensão objetiva e, por outro lado, a dimensão subjetiva da experiência religiosa.¹⁹²

Bem sabemos que a palavra religião precede o cristianismo, ou seja, não foi uma palavra criada a partir da experiência cristã, mas passou a fazer parte da sua linguagem, tanto na versão latina da Bíblia como nos escritos dos Padres da Igreja latina¹⁹³.

¹⁸⁸ Cf. Rémi Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*.

¹⁸⁹ David Hume, *Obras sobre Religião*, trad. Pedro Galvão e Francismo Marreiros (Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005), 221.

¹⁹⁰ Hume, *Obras sobre Religião*, 221.

¹⁹¹ Hume, *Obras sobre Religião*, 222.

¹⁹² Hume, *Obras sobre Religião*, 225.

¹⁹³ Os Padres da Igreja são os pastores e autores que interpretaram a Tradição e a Escritura até ao século VII, sendo considerado São João Damasceno como o último padre do Oriente. Para que um autor

Com efeito, segundo Rémi Brague, a religião soa aos nossos ouvidos como uma noção muito antiga; e, de facto, a palavra já aparece em Cícero, que a define a partir da ideia de culto¹⁹⁴. Na realidade, porém, no sentido que lhe damos hoje, de sistema de crenças e práticas culturais, o termo é bastante recente. Quando falamos de «uma religião», podemos estar a referir-nos, por exemplo, ao cristianismo, ao judaísmo, ao budismo e ao islão, etc.; o que significa que metemos dentro da mesma realidade fenómenos que são bastante heterogêneos¹⁹⁵.

No que concerne ao período Medieval, o termo religião adquire uma conotação nova pela identificação com o estado de vida que assume os conselhos evangélicos¹⁹⁶ (pobreza, castidade e obediência) em ordem à vida eterna é, neste sentido, aquele que abraça esse estado de perfeição de vida cristã.

3.2 CONCEITO DE LIBERDADE

Não é fácil falar sobre o conceito de liberdade por diversas razões que podíamos aqui enumerar, mas, devido à delimitação da nossa investigação, seremos concisos na explanação, uma vez que a faremos apenas com o objetivo de conseguir mais facilmente estabelecer a referida interação entre religião e liberdade. Não obstante a complexidade do tema, podemos dizer que a liberdade, como afirmou Emmanuel Mounier¹⁹⁷, é uma dimensão imprescindível e essencial da pessoa¹⁹⁸. Por isso, todas as correntes de pensamento deram-lhe sempre um lugar privilegiado, isto é, está no centro das suas perspetivas e reflexões. Embora a liberdade esteja no centro das diferentes escolas ou correntes de pensamento, a verdade é que elas divergem quanto à conceção, pelo facto de criar uma separação entre a liberdade e a estrutura completa da pessoa. Ora bem, a

seja considerado como Padre da Igreja requerem-se cumulativamente os critérios de antiguidade, santidade de vida e ortodoxia.

¹⁹⁴ Cf. Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*.

¹⁹⁵ Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 11.

¹⁹⁶ Na Igreja Católica, o termo “Conselhos Evangélicos” significa os votos que um religioso, ou membro de uma congregação, realiza ao tomar parte da mesma.

¹⁹⁷ Emmanuel Mounier foi um filósofo francês, nasceu em 1905 e faleceu em 1950. Fundou a revista *Esprit* em 1932, que durante duas décadas se afirmou como um ponto de convergência moral e espiritual. Dentro do cristianismo vigente, seguiu a tradição cristã de matiz social, de que encontrara repercussões na obra de Charles Péguy. Refletiu, nos textos que publicou, sobre a problemática do homem contemporâneo e as suas vicissitudes.

¹⁹⁸ Emmanuel Mounier, *Manifesto ao Serviço da personalismo*, Trad. António Ramos (Lisboa: Moraes Editora, 1967).

liberdade é a afirmação da pessoa, ela vive-se, não se vê.¹⁹⁹ Consequentemente, é uma ilusão procurá-la no mundo ou tentar reduzi-la a um teorema.

John Donne, na sua obra *A Meditação*, diz: «Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo»²⁰⁰.

Nesta frase está condensada uma realidade profunda da nossa existência humana. A liberdade humana tem em si, necessariamente, uma dimensão relacional. Isso é ainda mais claro quando tomamos consciência de que o homem é sempre fruto de uma relação. Deste modo, podemos dizer que o ser ilha é fechar-se à graça de viver a nossa existência em plenitude. Quando o ser humano se torna parte do todo capaz de atingir a plenitude daquilo que deve ser, deixa de ser uma ilha.

A liberdade é operária, mas é também divina. [...] É verdade que a liberdade não deve fazer esquecer as liberdades. Mas, quando os homens deixam de sonhar com as catedrais, não sabem mais construir as belas mansardas. Quando perdem a paixão pela liberdade, então já não sabem edificar as liberdades. A liberdade é algo que não se dá aos homens do exterior, com facilidades, por isso, adormecem livres e despertam escravos.²⁰¹

Podemos concluir, parafraseando Emmanuel Mounier, que a liberdade é como o pulmão que dá ao homem a capacidade de respirar, ou seja, a liberdade é aqui entendida como relacional e não fechada em si mesma, é humana e divina; a liberdade individual (subjética) não se deve esquecer da liberdade objetiva²⁰².

Rémi Brague, com clareza, toma o tema da liberdade fazendo uma leitura exaustiva dos textos do Antigo Testamento.²⁰³ É categórico quando afirma:

...não podemos ter a expectativa de encontrar nos Livros do Antigo Testamento algo que se assemelhe ao conceito filosófico de liberdade. Antes de mais, porque a Bíblia hebraica não contém conceitos; contém pensamentos profundos em abundância, mas esses pensamentos são apresentados sob a forma de relatos. Em segundo lugar, quando

¹⁹⁹ Mounier, *Manifesto ao Serviço da personalismo*.

²⁰⁰ Donne, John. *Meditações*. Edição bilingue. Trad. Fábio Cyrino. (São Paulo: Editora Lanmark, 2007).

²⁰¹ Cf. Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 129-145.

²⁰² Não se pode negar de modo algum que a liberdade é sempre relacional, por isso, será sempre objetiva e subjética.

²⁰³ Apesar de algumas nuances entre os textos da Bíblia grega e os da Bíblia hebraica, podemos afirmar que estes textos permitem estabelecer uma relação entre as duas tradições religiosas e culturais.

se fala de liberdade é por referência a um estatuto social, nomeadamente o das pessoas que não são escravas.²⁰⁴

Ainda para reforçar tudo quanto foi dito até agora sobre a questão da liberdade, queremos acrescentar algo de Rémi Brague quando afirma:

O Deus da Bíblia não é apenas aquele que dá liberdade às suas criaturas. Algumas das suas criaturas levam uma vida histórica; quando isso acontece, Ele torna-as livres entrando na história. A liberdade entra em cena logo no começo da história do povo de Israel, pelo menos tal como os Israelitas a compreenderam. A liberdade é a própria definição do povo de Israel como povo do êxodo.²⁰⁵

Percebemos, segundo Rémi Brague, que a liberdade bíblica não é um privilégio do qual uma casta escolhida usufrua sossegadamente; a liberdade existe numa dimensão dinâmica: deve ser partilhada com outros e, num horizonte que não é imediatamente consciente, alargada a toda a humanidade²⁰⁶. Por outras palavras, a liberdade introduz uma dinâmica de libertação.

Na opinião de Rémi Brague, para os filósofos gregos a liberdade era a condição de uma sociedade capaz de se governar a si própria, bem como a situação dos cidadãos que, ao contrário dos escravos, eram proprietários da sua própria pessoa²⁰⁷.

Quanto aos Padres da Igreja, podemos dizer que desenvolveram um conceito metafísico de liberdade. A este respeito é importante sublinhar que o primeiro a formular de maneira clara esse conceito metafísico de liberdade foi Santo Agostinho, bispo de Hipona.²⁰⁸

3.3 INTERAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E LIBERDADE EM DONOSO CORTÉS

Etimologicamente, a palavra interação significa a possibilidade de estabelecer uma relação entre duas ou mais pessoas, coisas ou ideias. Assim sendo, neste último ponto da nossa investigação, o que vamos fazer é procurar encontrar os pontos que nos permitem colocar em relação o conceito de religião e o conceito de liberdade. A interação que pretendemos estabelecer aqui é, sem dúvida alguma, uma interação dialógica entre as

²⁰⁴ Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 130-131.

²⁰⁵ Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 134.

²⁰⁶ Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 138.

²⁰⁷ Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 131.

²⁰⁸ Brague, *Sobre a religião e a sua relação com a razão, a liberdade e a violência*, 131.

duas ideias que formam o cerne da nossa investigação. Após a apresentação do conceito de religião e de liberdade, é pertinente sublinhar que falaremos, neste ponto, destes dois conceitos em interação dentro do pensamento e do contexto histórico em que viveu e atuou Donoso Cortés. Conquanto podemos falar de religião em sentido lato, aqui é nossa intenção centrar o termo a partir da visão de Donoso Cortés que se inspira em teólogos como Santo Agostinho²⁰⁹ e daqui estabelecer uma ponte com o conceito de liberdade.

Como sabemos, a vida de Donoso Cortés é marcada por duas etapas distintas, isto é, um antes e um depois da sua conversão. O encontro com Massarnau e a morte do seu irmão foram os dois fatores importantes desta grande transformação interior que foi decisiva para a nova postura do autor. Verifica-se que existe uma alteração na sua relação com Deus e na sua visão da religião. Antes da sua conversão, embora fosse católico, a religião não desempenhava um papel preponderante na sua vida e isso percebemos quando ele afirma:

...eu sempre fui crente no íntimo da minha alma, mas a minha fé era estéril porque não governava os meus pensamentos, nem inspirava os meus discursos e nem guiava as minhas ações. Creio, sem dúvida, que se no tempo em que mais abandonei e esqueci Deus me tivessem dito se preferia apostatar do catolicismo ou sofrer duros castigos, preferia ser um apóstata a sofrer.²¹⁰

Do texto supracitado percebemos que o período anterior à conversão de Donoso Cortés é marcado por uma relação quase inexistente com Deus e, conseqüentemente, com a religião. Aliás, sendo liberal, nesta fase da sua vida, quando a Igreja Católica foi expropriada dos seus bens, ele defendeu o governo liberal e não a Igreja lesada nos seus recursos humanos e espirituais. Sabemos que o liberalismo remete a religião para o âmbito privado e nunca para parte da esfera pública. A religião, na visão liberal de Donoso Cortés²¹¹, dentro do panorama liberal, é uma força contrária à revolução e à transformação da sociedade. Sem negar propriamente a existência de Deus, contudo, na visão liberal, a religião representava uma mentalidade obscurantista. No fundo, segundo a sua visão liberal, era a razão que devia responder a todas as questões existenciais do homem moderno²¹².

²¹⁰ Cf. Schramm, *Donoso Cortés su vida y su pensamiento*, 187.

²¹¹ Suárez, *Introducción a Donoso Cortés*, 37.

²¹² Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 9.

Para Donoso Cortés, sendo ainda liberal, a razão é a única via de acesso à verdade e isso sem qualquer discussão, por isso, quando exalta a razão deixa subentendida uma crítica clara à religião²¹³. Por outras palavras, para ele, como bom liberal, não é a religião que ocupa o papel mais importante na vida do ser humano, mas sim a razão com a sua luz capaz de tirar o homem das trevas à luz verdadeira²¹⁴. Por outro lado, ainda como liberal, Donoso Cortés entende a religião como fator de unidade pelo facto de que nenhuma sociedade pode existir sem um credo comum como base²¹⁵. Está pois claro também que, sendo liberal, defende a primazia da razão sobre a religião, mas nunca uma anulação da religião ou até mesmo um divórcio²¹⁶ entre ambas. Uma sociedade sem religião é uma sociedade completamente desequilibrada, isto é, torna-se individualista, voltada apenas para si mesma e, deste modo, tende a entrar em processo de autodestruição²¹⁷. Todas estas afirmações e pensamentos de Donoso Cortés ajudam-nos a perceber que o mesmo defende claramente a ideia de que o homem é um ser religioso.

Na cosmovisão do pensamento religioso de Donoso Cortés, depois da sua conversão, falar de religião significa falar do cristianismo e falar do cristianismo é, na sua perspetiva, o mesmo que falar de catolicismo²¹⁸. Por outras palavras, ele entende que não existe mais do que uma verdade e tudo o que não é verdade chama-se erro. Essa verdade está no catolicismo²¹⁹. A esta expressão equivale a da “civilização católica”, ou seja, conjunto de princípios baseados no dogma católico, que dá um significado reto e verdadeiro ao mundo e ao homem. Por isso, segundo Carlos Valverde, é provável que ele tenha concretamente imaginado a “civilização católica” como cultura em que a Igreja dominava todo o pensar e o agir do homem²²⁰. Por último, é importante perceber que quando ele fala da “civilização católica”,²²¹ fá-lo com uma decisão e com uma segurança

²¹³ A religião na visão liberal é sempre limitada e sem rigor científico, por isso, embora esteja presente na vida de todas as sociedades, ela fica muito aquém da razão que é capaz de explicar toda a realidade do homem e da criação.

²¹⁴ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 10.

²¹⁵ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 26.

²¹⁶ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 26.

²¹⁷ Cammilleri, *Juan Donoso Cortés Il Padre del sillabo*, 26.

²¹⁸ Cf. Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 144.

²¹⁹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 144.

²²⁰ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 145.

²²¹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 13.

irreversível. Na perspectiva de Donoso Cortés, o catolicismo tem soluções definitivas para tudo e, sublinha, só quem não quiser aceitar permanece na ignorância²²².

Donoso Cortés tem a convicção de que o cristianismo é capaz de restaurar a ordem universal destruída anteriormente pelo pecado do homem. Por outras palavras, segundo ele, é a “bendita revolução”. Depois do primeiro pecado ter sido cometido pelo homem, o catolicismo é quem ilumina o entendimento humano para que saiba com certeza as verdades por que deve reger a sua vida, isto é, determina quais devem ser as suas ações, é quem ensina a suplicar a Deus a luz e a fortaleza para não se deixar levar pelas paixões e também para não se separar do caminho reto.²²³

Ordenado o homem no seu entendimento e na sua vontade, o mundo moral faz-se transparente; a família, a mulher e os filhos deixam de ser escravos e adquirem os seus direitos pessoais invioláveis; a sociedade adquire bases e leis que a asseguram na sua ordem e na sua prosperidade. Deste modo, o catolicismo, depois de ordenar o indivíduo, consegue um maravilhoso equilíbrio político ao condenar, por um lado, o despotismo e, por outro, as revoluções.²²⁴

Na perspectiva de Donoso Cortés, parafraseando Juan Juretschke²²⁵, a religião é o fundamento indestrutível das sociedades humanas e nenhuma sociedade foi alguma vez constituída sem a existência de uma religião²²⁶. Por isso, a religião representada nos diversos povos e nações pelo sacerdócio e em toda a cristandade pelos Pontífices de Roma, acalmou a ira dos bárbaros setentrionais que, depois de terem destruído o Império Romano, se renderam diante do cristianismo.

Quando, no “*Ensaio sobre o Catolicismo, o Liberalismo e o Socialismo*”, Donoso Cortés afirma que a religião foi tida sempre em consideração por todos os homens, significa que ela é constitutiva do ser humano.²²⁷ A esse respeito vale a pena referir o que ele mesmo afirma de uma sociedade onde a fé vai perdendo o seu lugar e

²²² Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 145.

²²³ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 145.

²²⁴ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 146.

²²⁵ Cf. Juan Donoso Cortés, *Obras completas Dom Juan Donoso Cortés*, editado por Juan Juretschke, Vol. I (Madrid: Editorial Católica, 1946). 568

²²⁶ Cortés, *Obras completas Dom Juan Donoso Cortés*, Vol. I, 568.

²²⁷ Já foi dito anteriormente que para Donoso Cortés os termos religião e catolicismo tornam-se sinónimos. Na sua lógica a única religião é o catolicismo. Por isso, o autor usa muitas vezes a palavra religião como sinónimo do catolicismo e vice-versa.

dando espaço à incredulidade: «A redução da fé que, por sua vez, produz a redução da verdade, leva forçosamente à perda da inteligência».²²⁸

A palavra fé, usada pelo autor neste contexto, podemos dizer que é, sem dúvida, a capacidade de estabelecer uma relação autêntica com Deus. Mas essa relação só é possível de maneira verdadeira na religião católica, sendo a única religião capaz de salvar o homem por ter sido fundada por Jesus. Foi pelo catolicismo que entrou a ordem no homem e pelo homem chegou às sociedades humanas. O mundo moral encontrou no dia da Redenção as leis que tinha perdido no dia da prevaricação e do pecado²²⁹.

Assim sendo, podemos concluir que o dogma católico foi o critério das ciências; a moral católica, o das ações, e, a caridade, o critério dos afetos. Consequentemente, a ordem passou do mundo religioso ao mundo moral e do mundo moral ao mundo político²³⁰. Deste modo, percebemos que o conceito de religião de Donoso Cortés não é muito distinto de alguns conceitos clássicos de religião. A definição clássica aponta a religião como a possibilidade de colocar o homem em relação com Deus. Tudo quanto foi dito até agora sobre a religião, identificada com o catolicismo, é, claramente, esse veículo de ligação entre Deus e o homem. O catolicismo representa, segundo Donoso Cortés, a natureza humana sem pecado, tal como saiu das mãos de Deus, cheia de justiça original e graça suficiente.²³¹

«Segue daqui que só a Igreja Católica tem o direito de afirmar e negar; e não há direito fora dela para afirmar o que Ela nega ou para negar o que Ela afirma.»²³²

O catolicismo, sendo, na perspectiva do autor, a única religião verdadeira, recebe de Deus a faculdade de falar em nome de Deus, por isso, a sua palavra é dogmática; o que Ele afirma deve ser acolhido e praticado com a plena certeza de que não existe outro caminho possível. Igualmente, o que Ele nega deve ser negado por toda a civilização católica, sem qualquer questionamento. Mas tudo isso, podemos dizer, só é possível, porque o catolicismo é amor pelo facto de que Deus é amor; somente o que ama é católico e só o católico aprende a amar, ou seja, só o católico recebe o que sabe das fontes naturais e divinas.

²²⁸ Juan Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo* (Granada: Editorial Comares, 2006), 3.

²²⁹ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 15.

²³⁰ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 15.

²³¹ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 26.

²³² Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 26.

Deste modo, podemos concluir que Donoso Cortés define o catolicismo como a religião do amor que converteu e transformou o mundo pela força do amor e da graça: «A Igreja é amor e incendiará o mundo no amor.»²³³

Portanto, quando falamos do conceito de religião em Donoso Cortés, percebemos que sendo o catolicismo a única religião verdadeira, na sua perspectiva, devia moldar a sociedade segundo os desígnios de Deus e, deste modo, tirar o homem da condição em que se encontra. Por outras palavras, o catolicismo é a religião libertadora da sociedade que vive dominada pela ação do Demónio. Segundo essa teologia de Donoso Cortés, o catolicismo não é uma simples religião, à parte de ser a religião, é um sistema completo de civilização²³⁴; é um sistema de civilização tão completo que abarca tudo dentro de si (a ciência dos anjos, a ciência do universo e a ciência dos homens)²³⁵. Por isso, é importante na sua perspectiva que a sociedade estivesse debaixo do Império católico, ou seja, o catolicismo é o único fator de civilização, não só no sentido sobrenatural, mas também na ordem natural, é um sistema de segurança da ordem estabelecida por Deus. Sendo esta a realidade do homem, introduzimos aqui a ideia de liberdade para posteriormente estabelecer o diálogo entre religião e liberdade.

Para melhor compreendermos o conceito de liberdade em Donoso Cortés é importante, primeiramente, recorrer à ideia de ordem. Segundo ele, o cosmo está submetido a uma ordem imposta por Deus. Esta ordem estabelecida por Deus é responsável pelo desdobramento de tudo quanto se vai construir. A mesma ordem cósmica tem uma razão de ser absoluta na sua base que tem Deus como Criador²³⁶.

Dentro da ordem cósmica existe uma ordem moral e uma ordem física. A ordem moral concerne aos seres inteligentes, ao passo que a ordem física diz respeito aos seres não inteligentes.²³⁷ Posteriormente introduz mais outra divisão na ordem cósmica, de maior alcance filosófico, isto é, existe uma ordem relativa e uma ordem absoluta. Analisando estas divisões, Donoso Cortés conclui que a liberdade dos seres inteligentes é capaz de destruir as leis que Deus impôs e, deste modo, destruir a ordem relativa; contudo ainda permanece a ordem absoluta que a ninguém é permitido destruir. Para melhor esclarecer esta questão, podemos apresentar dois exemplos: a prevaricação

²³³ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 44.

²³⁴ Cf. Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 45.

²³⁵ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 45.

²³⁶ Cf. Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 99-100.

²³⁷ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 101.

angélica e a do primeiro homem. Tanto uns como outros romperam com as leis impostas por Deus. Mas se Deus permitiu a prevaricação do Anjo, quer isso dizer que Ele sabia como conciliar a ordem divina com a ordem angélica. Por outro lado, se Deus permitiu a prevaricação do homem, quer isso dizer que Ele sabia desde toda a eternidade a maneira sublime de conciliar a ordem divina com a ordem humana.²³⁸

Antes do pecado ou prevaricação, os Anjos e os homens manifestavam exteriormente os tesouros da bondade de Deus, as maravilhas da sua graça e o esplendor da sua harmonia. Por outras palavras, o universo em geral foi o reflexo perfeitíssimo da sua onipotência; o paraíso terrestre foi especialmente o reflexo da sua misericórdia; o inferno, unicamente o reflexo da sua justiça e a terra o reflexo da justiça e da misericórdia. Deste modo, apesar da desordem introduzida pelo pecado, salvou-se a ordem absoluta, isto é, todas as coisas permaneceram unidas a Deus, inclinadas para Ele e representando as suas perfeições.²³⁹ Por isso, a única maneira de fazer inteligível a faculdade que tem o homem de destruir a ordem relativa é através da razão suprema de existir. Essa faculdade é a capacidade de o homem transformar a ordem em desordem, a harmonia em desarmonia, o bem em mal.²⁴⁰

Esta divisão, relativa à ordem cósmica, é importante, pois, através dela, Donoso Cortés vai procurar explicar a existência do mal no mundo, das revoluções que destroem a ordem relativa e toda a história humana que não é outra coisa senão uma luta do mal para destruir a ordem estabelecida por Deus. Por outro lado, o bem esforça-se por restituir a ordem cósmica de Deus, que intervém sobrenaturalmente para salvar os seus planos.²⁴¹ Assim sendo, pode concluir-se que a ordem estabelecida por Deus não pode ser estática, mas sim evolutiva e dinâmica porque é o reflexo da liberdade criada e da essência mesma de Deus que é antes de mais vida.²⁴² Essa teoria da ordem cósmica e a sua lei fundamental é uma tentativa de fundamentar todas as suas ideias históricas, sociais, políticas, de dar uma base firme às suas polémicas e inclusive às suas profecias.

Resta saber qual é o lugar do homem dentro desta ordem cósmica ou universal. O homem ocupa, na ordem universal, o lugar de rei de toda a criação irracional²⁴³. O

²³⁸ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 102.

²³⁹ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 102.

²⁴⁰ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 103.

²⁴¹ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 104.

²⁴² Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 104.

²⁴³ Valverde, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 112.

homem é o grande realizador da ordem divina da criação e sem ele a criação carece de sentido. Essa ideia defende uma absoluta preponderância à liberdade humana sobre o entendimento. A sua imagem de homem não é a de um homo *theoreticus* ou contemplativo, mas sim a de um homo *poeticus*, no sentido grego da palavra, por outras palavras, a imagem de um homem que se realiza na sua ação, numa ação livre e finalística²⁴⁴. É na presença da liberdade liberal que Donoso Cortés apresenta ao homem a liberdade, mas como uma liberdade que só se justifica na consideração metafísica da sua ordenação ao Absoluto, um conceito evidentemente muito mais elevado do que o que defendiam os liberais.²⁴⁵ É aqui que o autor introduz a ideia de liberdade como categoria metafísica na constituição do cosmo e como dinamismo de sínteses da variedade na unidade²⁴⁶. Donoso Cortés chega a esta conclusão após uma profunda e séria meditação dos dois primeiros capítulos do livro do Génesis, acompanhado pelas meditações de Santo Agostinho. Prossegue o discurso dizendo que o homem é rei da criação porque a ele se ordenam todas as criaturas enquanto ser livre. É ainda mais pertinente quando, ecoando o *De Ordine* e a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, ele afirma: «Fora da ação de Deus não há mais que a ação do homem. As junções desta liberdade com aquela Providência constituem uma trama variada e rica de história».²⁴⁷

Esta tese de Donoso Cortés tem o seu fundamento pelo facto de o mesmo ter colocado o homem como o rei do universo e da criação. O homem é colocado em segundo plano, isto é, Deus tem a primazia de tudo e fora da sua ação só o homem pode destacar-se, por isso, ele diz:

O livre arbítrio do homem é a obra prima da criação e a mais portentosa, caso seja lícito falar deste modo, das obras portentosas de Deus. A Ele se ordenam todas as coisas, invariavelmente de tal maneira, que a criação seria inexplicável sem o homem e o homem seria inexplicável não sendo livre. A sua liberdade é, por um lado, a sua explicação e, por outro, a explicação de todas as coisas.²⁴⁸

Ao entrarmos e aprofundarmos o pensamento aqui exposto, segundo Carlos Valverde, descobrimos que Deus, na visão de Donoso Cortés, fez inumeráveis seres para um único ser livre, ou seja, para que o homem, utilizando retamente a sua excelsa

²⁴⁴ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 113.

²⁴⁵ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 113.

²⁴⁶ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 113.

²⁴⁷ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 69.

²⁴⁸ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 70.

prerrogativa da liberdade, respeite as criaturas e as use de forma que realize sempre a ordem divina. Para além disso, podemos dizer que só a liberdade humana explica e dá razão do ser do homem e do ser da criação.²⁴⁹ A liberdade do homem é algo tão intrínseco a ele mesmo que não pode existir o homem sem a liberdade. O homem é, sem dúvida, um ser livre. Mas a sua liberdade só se realiza em plenitude quando usa todas as coisas dentro da ordem estabelecida por Deus.

No sentido glosado até aqui, liberdade e livre-arbítrio podem tomar-se como sinónimos. Convém aqui uma citação mais extensa:

... Direi que a noção que se tem geralmente de livre-arbítrio é completamente errada. O livre arbítrio não consiste, como geralmente se pensa, na faculdade de escolher o bem e o mal que o solicitam com dois pedidos opostos. Se o livre arbítrio consistisse nessa faculdade seriam obrigados a seguir as consequentes consequências, uma relativa ao homem e outra relativa a Deus, evidentemente absurdas. A consequência relativa ao homem supõe que quanto mais perfeito menos livre seria. Ao passo que a consequência relativa a Deus supõe que não havendo em si solicitações contrárias carece de todos os pontos de liberdade, isso se a liberdade consistisse na faculdade plena de escolher entre solicitações contrárias. Para que Deus fosse livre seria necessário poder escolher entre o bem e o mal, entre a santidade e o pecado. Entre a natureza de Deus e a da liberdade assim definida existem contradições radicais, e absolutamente incompatíveis. É absurdo supor, por um lado, que Deus não pode ser livre sendo Deus e que não pode ser Deus sendo livre; e por outro lado, que o homem não pode alcançar a sua perfeição sem renunciar à sua liberdade nem ser livre sem renunciar a ser perfeito. Portanto, deste ponto de vista, percebe-se que a noção de liberdade que procuramos explicar é completamente falsa, contraditória e absurda.²⁵⁰

É claro, na opinião de Donoso Cortés, que a definição de livre-arbítrio ou liberdade como a possibilidade de escolher entre o bem e o mal é falaciosa. A partir daqui propõe-se a corrigir essa visão difundida até entre doutos filósofos e teólogos do seu tempo. Tomando a sério essa questão, afirma que o erro está em apresentar a liberdade como a possibilidade de escolher o mal, quando na verdade está apenas na faculdade de querer o bem e a qual supõe a faculdade de entender o bem. Podemos dizer, por outras palavras, segundo Donoso Cortés que a liberdade consiste em ter vontade e

²⁴⁹ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 113.

²⁵⁰ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 72.

entendimento.²⁵¹ Por isso, continua ele, todo o ser dotado de entendimento e de vontade é um ser livre. E mais, a sua liberdade não é distinta da sua vontade e do seu entendimento, isto é, é o seu entendimento e a sua vontade unidos. Consequentemente, afirmar que um ser tem entendimento e vontade e que o outro é livre, é dizer o mesmo de ambos, mas apenas de maneira diferente.²⁵²

Por conseguinte, se a liberdade consiste na faculdade de entender e de querer, a liberdade perfeita consistirá em entender e querer perfeitamente. E visto que só Deus entende e quer com toda a perfeição, conclui-se, por ilação forçosa, que só Deus é perfeitamente livre.²⁵³ Se a liberdade consiste em entender e querer, o homem é livre, diz Donoso Cortés, porque está dotado de vontade e de inteligência, mas não é perfeitamente livre pelo facto de não estar dotado de um entendimento infinito e perfeito e de uma vontade perfeita e infinita²⁵⁴.

A imperfeição do entendimento do homem está, por um lado, em não entender o quanto deve entender, por outro lado, em estar sujeito ao erro. A imperfeição da sua vontade está, por um lado, em que não quer quanto deve-se querer e, por outro, em que pode ser requerida e vencida pelo mal. Portanto, a imperfeição da sua liberdade consiste na faculdade que tem de seguir o mal e abraçar o erro, ou seja, quer dizer que a imperfeição da liberdade humana consiste na faculdade de escolher, entre o bem e o mal, que, segundo o senso comum, é a sua perfeição absoluta²⁵⁵.

Segundo Donoso Cortés, quando o homem saiu das mãos de Deus entendia o bem e porque entendia queria-o, executava-o; e executando o bem que queria com a sua vontade e que entendia com o seu entendimento, era livre. Assim sendo, podemos dizer que a liberdade a partir do cristianismo entende-se como a capacidade de seguir o que de antemão Deus estabeleceu na ordem da criação, por isso, quando o homem pecou introduziu uma desordem e também a faculdade de escolher entre o bem e o mal. Essa faculdade de escolher representa um perigo para a liberdade pelo facto de contemplar a possibilidade de se afastar do bem e cair no erro, de renunciar à obediência devida a Deus e cair nas mãos do Demónio²⁵⁶. Podemos concluir de quanto foi dito até agora que a

²⁵¹ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 73.

²⁵² Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 73.

²⁵³ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 73.

²⁵⁴ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 73.

²⁵⁵ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 73.

²⁵⁶ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 74-75.

vontade perfeita é querer sempre o bem. Mais ainda, a perfeição absoluta de Deus está, segundo Donoso Cortés, em ser soberanamente livre, ou seja, em entender perfeitamente o bem e em querer o bem que entende com uma vontade perfeita. Contrariamente a isso, a imperfeição absoluta de todos os seres inteligentes e livres está em não entender e não querer o bem.²⁵⁷

A sua perfeição relativa está nessa mesma imperfeição absoluta, à qual se deve, por um lado, que seja diferente de Deus por natureza e, por outro lado, que possa juntar-se com Deus, que é o seu fim, por um esforço da sua própria vontade ajudada pela graça. Sem duvidar de serem boas e excelentes todas as essências criadas, o catolicismo afirma que o mal está no mundo e que são grandes e portentosos os seus estragos. Contudo, convém sublinhar que a faculdade de escolher, que o homem possui, é responsável pela presença do mal no mundo, isto é, o mal tem a sua origem no mau uso que o homem fez desta faculdade, a qual como dissemos anteriormente, constitui a imperfeição da liberdade humana. A faculdade de escolher estaria encerrada em certos limites impostos pela natureza das coisas²⁵⁸.

«Se o homem não é livre, não tem o principado da terra; se não tem o principado da terra, a terra não se une a Deus pelo homem e, deste modo, se não se une a Deus pelo homem, não se une a Deus de nenhuma maneira».²⁵⁹

Não é nossa pretensão desenvolver neste trabalho uma análise sobre o pecado e as suas consequências, mas o tema da liberdade remete, na visão de Donoso Cortés, para o tema da queda dos Anjos por desobediência a Deus e também a queda dos primeiros homens. Deste modo, vale a pena sublinhar que a desordem introduzida pelo homem se transmitiu pelo universo à maneira de ser de todas as coisas; todas estavam sujeitas ao homem e todas se revoltaram contra ele. Assim sendo, pode-se dizer que o mal existe, caso não existisse não poderia conceber-se a liberdade humana. Contudo, o mal que existe é um acidente e não uma essência. Se o mal fosse uma essência e não um acidente, nesse caso seria obra de Deus, criador de todas as coisas. Por outras palavras, isso representa uma contradição que repugna ao mesmo tempo à razão humana e à razão divina. O mal vem do homem e está no homem e, vindo dele e estando nele, existe nele uma grande conveniência longe, pois, de existir nele contradição alguma. A conveniência está em que,

²⁵⁷ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 81.

²⁵⁸ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 97.

²⁵⁹ Cortés, *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*, Vol.I, 113.

não podendo ser o mal obra de Deus, não podia o homem escolhê-lo se não podia criá-lo e não seria livre se não podia escolhê-lo.²⁶⁰

Falar sobre a liberdade é, sem dúvida alguma, mergulhar num mar profundo onde podemos encontrar uma realidade vastíssima sobre a qual esmiuçar, mas é importante, tendo em conta a delimitação do trabalho, saber qual é a nossa meta, e isso só é possível porque somos livres. A liberdade, sendo na perspectiva de Donoso Cortés, a possibilidade de escolher o bem e não entre o bem e o mal, abre aqui caminhos para uma orientação diferente daquela que impera na sociedade, quer isso dizer que ser livre é ser capaz de transformar o mundo mergulhado em valores fundamentados no egoísmo para assimilação de valores construtivos e de equidade.

Assim sendo, resta-nos concluir que na visão de Donoso Cortés existe uma relação intrínseca entre religião e liberdade. Como vimos mais acima, para Donoso Cortés a religião é identificada com o catolicismo romano e a liberdade consiste na faculdade de seguir o desígnio de Deus. Portanto a verdadeira religião, o catolicismo, liberta o homem de trilhar caminhos que possibilitem um afastamento ou uma rotura na relação com Deus. A religião levará o homem a descobrir a verdadeira liberdade e, deste modo, a despojar-se de agulhões e fardos que o colocam numa situação de escravidão; a religião fará o homem livre de tudo aquilo que pode ser opressor. Mais autêntica será a religião na medida em que for vivida com liberdade, isto é, sabendo o homem que foi criado para amar a Deus e que sem essa relação de amor se torna escravo, tudo deverá fazer para realizar na própria vida o desígnio de Deus. Para Donoso Cortés a religião é o único critério válido da verdade, por isso, sendo a religião identificada com a verdade, podemos concluir que quanto mais e melhor conhecemos a religião mais possibilidades temos de viver como seres livres, ou seja, não condicionados pela falácia da escolha entre o bem e o mal. Como vimos ao longo da explanação a liberdade significa deixar-se guiar pelo Criador e isso é contrário a opção entre duas realidades antagónicas.

Por outro lado, a liberdade levará o homem a viver a religião de maneira livre, ou seja, não como a imposição de uma divindade opressora e tirana, mas sim como a proposta de ser verdadeiramente feliz através do único caminho possível que é aquele delineado por Deus. Sendo esta a realidade, é um imperativo categórico²⁶¹ pensar que

²⁶⁰ Donoso Cortés, *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*, 102.

²⁶¹ A expressão Imperativo Categórico, aqui usada, significa para nós a obrigação de realizar algo importante, portanto, não a usamos no sentido Kantiano do termo.

quando o homem é livre percebe que não pode viver sem religião e, portanto, a sua liberdade só será plena na medida em que estiver envolvida ou revestida pela religião.²⁶² Deste modo, podemos afirmar que não subsiste a liberdade sem a religião uma vez que esta é o pulmão da outra.

A relação dialógica entre religião e liberdade, encontrada implicitamente nos escritos de Donoso Cortés, leva-nos a uma clarividência sobre a possibilidade de construir novos caminhos na vida e na história da sociedade contemporânea onde parece existir uma relação antagónica entre religião e liberdade. Esta reflexão, sobre estas duas realidades, é tão profunda que não esgotaremos nesta investigação o confronto entre ambos os temas. Contudo, é importante sublinhar que ser livre, na perspetiva do autor, é ser religioso e ser religioso é ser livre. Consequentemente, podemos terminar dizendo que não existe religião sem liberdade, como não existe liberdade sem religião. É um binómio da mesma realidade, ou seja, o homem é livre na medida em que é religioso.

O homem contemporâneo fruto de todo o dinamismo social, tecnológico e científico não se identifica com a religião do passado e do presente, por isso, procura um novo caminho, uma nova maneira de viver a religião e, sem dúvida, em relação com o novo contexto pluricultural. Podemos dizer que a religião do futuro não é a uniformidade do que existe hoje, não é individualista, mas uma experiência pessoal de cada ser humano que procura com sinceridade um encontro pessoal com o “Transcendente” e, deste modo, pode ser mais livre. A liberdade e a religião devem falar necessariamente a mesma linguagem, ou seja, a religião tende a revelar o que de melhor há no ser humano e a liberdade tende a ser o meio para que o homem seja feliz. Usando uma analogia podemos dizer que a liberdade é como a dose certa de uma refeição a ser ingerida por alguém, isto é, se for muita pode fazer mal e se for pouca também pode fazer mal. A liberdade e a religião não se podem arredondar nem por defeito nem por excesso, deve ser o resultado exato, não aproximado.

Estas duas realidades, religião e liberdade, intimamente unidas, são constitutivas do ser humano. Na perspetiva do autor, ser católico é ser religioso e ser religioso é ser católico e, como vimos atrás, significa que a relação com o transcendente só pode ser vivida autenticamente quando nos abrimos à realidade do catolicismo e isso fará do

²⁶² Sabemos que o termo religião foi usado por Donoso Cortés como equivalente ao termo catolicismo. Por isso, a relação antagónica aqui referida não é em relação a religião em geral, mas sim referida explicitamente ao catolicismo romano.

homem um ser livre. Essa liberdade supõe uma estrita obediência à vontade de Deus e não a capacidade ou possibilidade de escolher entre o bem e o mal. Portanto, reiteramos o que mais acima dissemos nas entrelinhas, a liberdade, não sendo a escolha entre o bem e o mal, consiste, segundo Donoso Cortés, no fiel cumprimento da vontade de Deus na nossa vida. Nesta perspectiva, a liberdade nunca poderá ser a opção pelo mal, orientando o ser humano para caminhos contrários aos de Deus. Quando assim é, não são estradas que orientam à liberdade verdadeira. Assim sendo, a liberdade não será a vontade própria, mas sim será construída a partir da escuta daquilo que Deus pretende que seja. Em suma, quanto mais o ser humano ouvir e se deixar guiar pela voz de Deus, isto é, pela religião, mais livre será.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos a nossa investigação sobre o tema religião e liberdade no pensamento de Donoso Cortés, sabemos que muito ficou por dizer e refletir acerca do caminho que nos propusemos trilhar nestas páginas. Porém, temos consciência de que o pensamento de Donoso Cortés traz à luz questões importantíssimas a serem refletidas no contexto atual, como é o caso de construirmos uma ponte que permita estabelecer a relação entre religião e a liberdade. Por conseguinte, hoje, apesar de tanta informação e meios de comunicação, a verdade é que o tema da religião e liberdade continua a ser um imperativo categórico²⁶³ na reflexão da filosofia da religião, da filosofia política, da teologia e da sociologia. Ousamos dizer que o tema é tão pertinente que não passa de moda, isto é, permanece sempre atual. Por outras palavras, contradizendo uma certa tendência no âmbito das ciências humanas, tomando como exemplo a profecia dos mestres da suspeita que pregaram a morte de Deus e da religião, o certo é que nem o tema de Deus e nem muito menos o tema da religião saíram da esfera pública no debate da filosofia da religião e de outras ciências humanas²⁶⁴. Temos plena consciência de que a roupagem não é a mesma do passado. Hoje, bem sabemos, já não estamos na era da cristandade, vivemos numa sociedade secularizada. Essa sociedade secularizada relega Deus e a religião para a esfera privada. Mas a religião, com as suas novas vestes, não se deixa encurralar, isto é, apresenta-se muitas vezes como um presente que não se pode devolver.

Falar de religião numa sociedade moderna e secularizada não é propriamente uma tarefa fácil, por diversas razões²⁶⁵. Pensemos que durante séculos a sociedade ocidental foi predominantemente marcada pela experiência religiosa, primeiro pelas religiões pré-cristãs e, posteriormente, pela religião cristã. A religião cristã marcou o pensamento e a sociedade em todas as suas dimensões e vemos que o homem ocidental estabelece uma relação com a religião como a do filho que se sente oprimido na sua

²⁶³ Usamos a expressão “imperativo categórico” apenas para indicar o grau de importância dado ao tema da religião no contexto atual.

²⁶⁴ Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Trad. Paulo Quintela (Lisboa: Edições 70, 1998), 69.

²⁶⁵ Charles Taylor, *La Era Secular*, (Barcelona: Editorial Gedisa, 2014).

relação com o pai e, por isso, pretende libertar-se do pai²⁶⁶. É exatamente aqui que o pensamento de Donoso Cortés marca a diferença, ou seja, ele pretende ser um pensamento conciliador entre duas realidades que parecem antagónicas, mas que na realidade, segundo o autor, estão intimamente ligadas entre si, não como gémeos siameses, mas como gémeos monozigóticos²⁶⁷.

Em suma, Donoso Cortés respondeu, de maneira eloquente, aos pensadores liberais, marxistas e socialistas do seu tempo, que a religião não é antagónica à liberdade e vice-versa. Segundo ele, o homem é verdadeiramente livre quando vive unido à religião. A religião é, na sua perspetiva, o catolicismo. Por isso, ao longo do seu discurso podemos perceber a ideia de que, no seu pensamento, religião e catolicismo são sinónimos. No fundo, para ele, ser religioso é ser católico e ser católico é ser religioso. Portanto, o homem é livre na medida em que realiza na própria vida a vontade de Deus. Deste modo, deixa evidente que a liberdade não consiste na escolha entre duas realidades opostas, entre o bem e o mal, mas simplesmente no cumprimento da vontade de Deus. Na sua visão, pode-se dizer, que quando o homem se afasta de Deus deixa de ser livre e torna-se escravo, passa a viver uma falsa liberdade que o conduzirá ao abismo profundo. Assim iludido, o homem vive como um louco que acredita no seu íntimo ser um rei, quando na verdade não passa de um pobre.

Tudo quanto foi dito até agora deve ser percebido dentro do contexto histórico da época em que viveu e desenvolveu o seu pensamento o nosso autor. Ao longo da investigação ficou claro o contexto das revoluções em toda Europa e o caos vivido em Espanha, avultando a guerra entre a monarquia e os liberais durante décadas sucessivas. Essas guerras deixaram marcas muito profundas tanto na sociedade espanhola como em toda Europa. Sendo este o cenário sociopolítico, podemos imaginar como não terá sido fácil para Donoso Cortés defender a religião dentro de um contexto que se mostrou muitas vezes hostil à igreja católica; não foi fácil falar de liberdade a partir do ponto de vista da religião numa sociedade regida por princípios antagónicos à mesma; não foi tarefa fácil

²⁶⁶ Podemos abordar essa relação a partir da parábola do Filho Pródigo relatada pelo evangelista São Lucas, também conhecida como parábola da misericórdia.

²⁶⁷ Os gémeos monozigóticos são idênticos, mas nunca iguais. Aproveitamos esta analogia para explicar que a relação entre religião e liberdade, apesar de manterem uma intimidade e unidade, contudo, podemos dizer que são autónomos no desdobramento daquilo que cada um é ou deve ser; não existe uma fusão, existe sim uma cooperação indissolúvel entre ambos os conceitos.

defender a igreja diante do Estado que assumiu diversas vezes uma postura crítica em relação ao clero católico.

Partindo do contexto histórico, primeiro europeu e depois espanhol, vimos logo nas primeiras páginas o desdobramento da sua vida, passando pelo contacto com as suas obras e a evolução do seu pensamento filosófico. Donoso Cortés, fruto de encontros e desencontros que teve ao longo da sua vida, passou de pensador e filósofo liberal ao catolicismo tradicional. Na nossa opinião era importante analisar as suas obras para atingirmos uma maior compreensão do seu pensamento. Dentro das suas obras encontramos três grandes discursos (sobre a ditadura, sobre Espanha e sobre a Europa) que juntamente com o Ensaio (sobre o catolicismo, o liberalismo e o socialismo) se destacaram como o resultado de um pensamento dinâmico que foi superando as diferentes etapas da vida do autor; as obras são o espelho que refletem toda a evolução do seu *modus judicandi* bem como do seu *modus operandi*.

Uma vez que Donoso Cortés não escreveu nenhuma obra sistemática de pensamento filosófico político, o nosso caminho tornou-se para nós mais difícil de percorrer e estruturar devido à falta de uma obra do autor onde pudéssemos encontrar organicamente todo o seu pensamento. Fomos desvelando, primeiramente o conceito de religião no seu pensamento e, posteriormente, o conceito de liberdade. Após este importantíssimo passo, começámos a percorrer a estrada da interação entre ambos os conceitos presentes ao longo da sua obra. Vimos como na perspetiva do autor a religião e a liberdade são duas realidades constitutivas do ser humano. Por isso mesmo, ambas devem figurar dentro do coração e da vida do ser humano. No contexto da interação entre religião e liberdade, dentro do pensamento do autor, percebemos que existe uma realidade dialógica entre os dois conceitos, por isso mesmo, estão em relação e só em relação podem exercer realmente a sua vocação. Religião e liberdade são relacionais e não antagónicas, como a muitos no seu tempo poderia parecer.

A originalidade de Donoso Cortés, dentro da filosofia política e da religião, consiste na sua visão do que é a religião e em que consiste a liberdade. É original quando, de maneira orgânica, identifica religião e catolicismo como a mesma coisa, ou seja, ser religioso significa ser católico e ser católico significa ser religioso. É verdade que esta visão pode ser vista como violação à liberdade religiosa, tão defendida e querida hoje. Mas, na realidade, em caso algum o autor deduz daí o dever ou sequer direito de coagir a livre adesão pessoal da fé.

No que concerne à liberdade, como vimos ao longo da nossa investigação, Donoso Cortés conclui que ser livre consiste unicamente na realização da vontade de Deus na própria vida. Nessa perspectiva não pode existir liberdade sem uma relação autêntica com Deus, ou seja, a liberdade é consequência da relação com Deus. Portanto, como consequência desta visão, não existe nenhum ser livre que não esteja em relação com Deus e não pode existir um ser que não seja livre estando em relação com Deus.²⁶⁸

Em suma, a visão de Donoso Cortés é pertinente e desafiadora para um debate filosófico e teológico, para trilhar também em novos horizontes e, deste modo, ajudar o ser humano na sua compreensão do que seja a religião e a liberdade. É interessante o modo como ele, pedagogicamente, destrói a ideia de que o mal pode ser uma escolha livre, ou seja, quer isso dizer que não pode existir uma liberdade orientada para o mal, a liberdade será sempre e apenas uma escolha em relação com a vontade de Deus. Quanto ao catolicismo, é para ele a religião que procura transmitir as verdades eternas, o único caminho possível para a felicidade eterna.

²⁶⁸ Entendemos aqui o estar em relação com Deus como a realização da Sua vontade na nossa vida.

BIBLIOGRAFIA

- Abbagnano, Nicola. *História da Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- Agualusa, José Eduardo. *A Rainha Ginga e de como os Africanos inventaram o mundo*. Lisboa: Quetzal Editores, 2014.
- Bíblia Sagrada*. 16ª. Lisboa: Difusora Bíblica, 1992.
- Brague, Rémi. *Sobre a Religião e a sua Relação com a Razão, a Liberdade e a Violência*. Traduzido por Maria José Figueiredo. Cascais: Princípio Editora, 2019.
- Cammilleri, Rino. *Juan Donoso Cortés, Il Padre del sillabo*. I Edizione. Genova: Marietti S. p. A., 1998.
- Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.
- Cortés, Juan Donoso. *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el socialismo*. Granada: Editorial Comares, 2006.
- . *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*. Editado por Carlos Valverde. Vol. I. Madrid: La Editorial Católica, S.A., 1957.
- . *Obras Completas de Juan Donoso Cortés*. Editado por Carlos Valverde. Vol. II. Madrid: La Editorial Católica S. A., 1957.
- . *Obras completas Dom Juan Donoso Cortés*. Editado por Juan Juretschke. Vol. I. Madrid: Editorial Católica, 1946.
- Costa, Joaquín. *Estudios jurídicos y políticos*. Madrid: Imprenta de la Revista de Legislación, 1884.
- Coutinho, Jorge. *Filosofia do Conhecimento*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- Donne, John. *Meditações*. Edição bilingue. Traduzido por Fabio Cyrino. São Paulo: Editora Landamark, 2007.
- George, Robert Peter. *Choque de Ortodoxias: Direito, Religião e Moral em Crise*. Traduzido por Isaías Hipólito. Coimbra: Edições Tenacitas, 2008.

- Hegel, George . *Fenomenologia do Espírito*. Traduzido por José Barata-Moura. Lisboa: Página a Página, 2021.
- Hume, David. *Obras sobre Religião*. Traduzido por Pedro Galvão e Francisco Marreiros. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.
- Kant, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Traduzido por Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.
- Latourelle, Rene, e Rino Fisichella. *Dicionário de Teologia Fundamental*. Traduzido por Luiz João Baraúna. São Paulo: Editora Vozes, 1994.
- Llorens, Vicente. *El romanticismo español*. Madrid: Castalia, 1989.
- Logos: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Vol. 1. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, 1989.
- Menéndez-Pelayo, Marcelino. *Historia de los heterodoxos españoles*. Alicante: Biblioteca, 2003.
- Mondin, Battista. *Curso de Filosofia*. 11.^a Edição. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2002.
- Mounier, Emmanuel. *Manifesto ao Serviço do Personalismo*. Traduzido por António Ramos. Lisboa: Moraes Editora, 1967.
- Nietzsche, Friedrich. *O Anticristo*. 4.^a Edição. Traduzido por Tavares Fernandes. Mem-Martins: Publicações Europa-América, 2003.
- Ortega y Gasset, José. *O que é a Filosofia*. Traduzido por José Bento. Lisboa: Editores Independentes, 1994.
- Rosenblatt, Helena. *A História Esquecida do Liberalismo: Da Roma Antiga ao século XXI*. Traduzido por Judite Jóia. Lisboa: Edições 70, 2021.
- Santo Agostinho. *Confissões*. 13.^a Edição. Braga: Apostolado de Oração, 1999.
- Schramm, Edmund. *Donoso Cortés: su vida y su pensamiento*. Traduzido por Ramón de la Cerna. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1936.
- Suárez, Federico. *Introducción a Donoso Cortés*. Madrid: Rialp, S. A., 1964.
- . *Vida y Obra de Juan Donoso Cortés*. Pamplona: Eunote, 1997.

Taylor, Charles. *La era secular*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2014.

Valdegamas, Marqués de. *Obras Completas de D. Juan Donoso Cortés*. Vol. Tomo I. Madrid: La Editorial Católica S.A., 1946.

—. *Obras Completas de D. Juan Donoso Cortés*. Vol. Tomo II. Madrid: La Editorial Católica S.A., 1946.